



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB

DISLEXIA: Um jeito de ser e de aprender de maneira diferente.

MARIA DO CÉU DE SOUZA DOMIENSE

ORIENTADOR: Francisco Neylon de Souza Rodrigues

BRASÍLIA/2011

MARIA DO CÉU DE SOUZA DOMIENSE

DISLEXIA: Um jeito de ser e de aprender de maneira diferente.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB

Orientador: Francisco Neylon de Souza Rodrigues

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

Maria do Céu de Souza Domiense

DISLEXIA: UM JEITO DE SER E DE APRENDER DE MANEIRA DIFERENTE

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela seguinte banca examinadora:

Francisco Neylon de Souza Rodrigues

(Professor orientador)

(Tutor-orientador)

Examinador externo

Brasília, ____ de _____ de 2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, principalmente aos meus filhos, pessoas especiais que fizeram toda a diferença.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **DEUS**, que está em minha vida acima de todas as coisas.

Aos **MEUS FAMILIARES**, que sempre me incentivaram e apoiaram.

Aos **COLEGAS DE TRABALHOS**, onde sempre me dão oportunidade de aprender.

As **ESCOLAS**, que tanto contribuíram com meus aprendizados.

A **SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS**, onde apesar das dificuldades, muito contribuiu com a profissional que sou hoje.

Aos **PROFESSORES**, que me auxiliaram nessa grande jornada.

RESUMO

A partir de estudo e análises objetivou-se sintetizar uma pesquisa na área da dislexia. Esta monografia tem como tema um assunto que deixa muitas dúvidas para alguns professores nas escolas do ensino básico, de Águas Lindas de Goiás. Abordaremos como se processa a dislexia, seus caracteres, suas estratégias básicas de como desenvolver o trabalho com uma criança disléxica ou mesmo suspeita. O estudo pautado neste tema confirmou que a dislexia poderá ser causada por diversos fatores como: a hereditariedade, causas genéticas e neurológicas; o que leva a ocorrência de um transtorno ou distúrbio de aprendizagem. Objetivando dar suporte e esclarecer dúvidas de muitos educadores, que por meio de estudos, teorias e trocas de experiências podem ser auxiliados a conseguir detectar e auxiliar estes alunos suspeitos de dislexia em suas salas de aula. As metodologias qualitativas e quantitativas colaboram e mostram claramente a necessidade dos docentes em entender dentre tantas deficiências, como: paralisia cerebral, TDAH, autismo e outras a discriminar a dislexia. Uma pesquisa de campo foi realizada nas três escolas municipais em Águas Lindas de Goiás. Os resultados apontaram grandes dúvidas na detecção do tema e insegurança em como lidar e auxiliar as crianças em sala de aula. Conclui-se com os estudos que professores necessitam de mais apoio e conhecimento de causa, para desenvolver o trabalho com as mesmas que estão no grupo dos suspeitos de dislexia e que elas necessitam de intervenção e de uma avaliação realizada pela equipe de multiprofissionais, para que todas tenham um bom desempenho escolar.

Palavras chave: (Dislexia, distúrbio de aprendizagem e desempenho escolar).

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	
PARTE I	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
CAPÍTULO I	DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	17
1.1	Fatores Relevantes sobre Déficits de Aprendizagem.....	17
1.2	O Que São Problemas de Aprendizagem?.....	18
CAPÍTULO II	DISLEXIA.....	21
2.1	O que é realmente dislexia?.....	21
2.1.1	<i>Os sintomas disléxicos</i>	24
2.1.2	<i>Diagnóstico</i>	24
2.2	O Processo de Aquisição da Linguagem.....	28
CAPÍTULO III	A CRIANÇA DISLÉXICA NA ESCOLA.....	30
3.1	Dificuldades de Leitura em Crianças Disléxicas.....	30
3.2	Áreas de Dificuldades: Aritmética.....	31
3.3	Estratégias Educacionais.....	33
3.4	A Dislexia no Contexto Escolar: o Processo de Alfabetização.....	37
PARTE II	OBJETIVOS.....	41
	Objetivo Geral.....	41
	Objetivos Específicos.....	41
PARTE III	METODOLOGIA.....	42
	Fundamentação Teórica.....	42
	Contextos da Pesquisa.....	42
	Participantes.....	43
	Materiais.....	43
	Instrumentos de Construção de Dados.....	45
	Procedimentos de Construção de Dados.....	46
	Procedimentos de Análise de Dados.....	47
PARTE IV	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	48
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
	REFERÊNCIAS.....	64
	APÊNDICES.....	66

LISTA DE QUADROS, TABELAS OU GRÁFICOS.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01.....	44
A- Carta de Apresentação – Escola	66
B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor	67

APRESENTAÇÃO

Vivemos em uma sociedade diversificada, onde já passou por várias fases como a segregação de pessoas que apresentasse alguma deficiência; deixando-as às margens excluída de todo e qualquer contexto social. Isto percorrendo um longo caminho de muitas lutas até os dias atuais, onde já se vê algumas vitórias parciais, mesmo tendo algumas ainda nos registros oficiais e muito pouco nas práticas dos setores organizacionais.

E devido a estar inserida no contexto educacional brasileiro, desempenhando meu papel de educadora há 26 anos e como professora de recurso itinerante há seis anos consecutivos; é que surgiu o interesse e a necessidade de investigar e estudar sobre o tema "dislexia"; por se tratar da realidade e necessidade do momento, através de muitas queixas e dúvidas dos professores regentes sobre os alunos, não diagnosticados, mas que estão sob suspeita.

Portanto, a proposta aqui apresentada deste trabalho monográfico, abordará a realidade deste contexto educacional a nível de ensino-aprendizagem suas dificuldades no âmbito pedagógico escolar.

Esta abordagem, terá como um dos objetivos descrever alguns pontos fortes que caracterize a dislexia, bem como dar ênfase às suas causas, sintomas e as devidas intervenções possíveis e cabíveis para tal dificuldade.

Penso que se trata de algo muito específico de extrema importância, que não vemos aparentemente, mas que estamos convivendo diariamente com o problema, e que na maioria das vezes, não detectamos a sua intensidade, suas causas e consequências devastadoras.

Vê-se, que somente a partir de um estudo e investigação, compartilhando família X escola é que trataremos nossas crianças com atitudes menos excludente, ou seja, de forma que o conhecimento nos mostre que o "diferente" precisa e deva ser atendido adequadamente; e somente após este novo olhar pedagógico é que

mudará o quadro dos evasivos e dos fracassados que tem permanecido alargar os resultados estatísticos das instituições escolares, quem sabe num futuro promissor, deixar até mesmo de existir.

Por outro lado, há de oferecer ao professor um conhecimento adequado e específico de forma que evite o sofrimento deste profissional em relação às várias dificuldades apresentadas pelos alunos; levando-os a não alimentar-se de falsas expectativas quanto ao seu rendimento pedagógico.

Pois, de modo geral temos visto e vivido no dia-a-dia, a convivência em sala de aula dos alunos que tem apresentado alguma característica de algum distúrbio que apresenta dificuldade no processo da leitura/escrita; onde a prática vivida pelos professores demonstra um certo nível de despreparo, por parte do professor para desenvolver suas atividades pedagógicas.

Esta tem sido uma das grandes preocupações em como detectar e diferenciar as características de uma criança que está sob suspeita de dislexia e de uma que está apresentando no momento, apenas uma dificuldade de aprendizagem; pois não é fácil e nem acessível a todos, a confirmação deste diagnóstico, devido a vários fatores como: condições financeiras da família e apoio das autoridades administrativas.

A priori, observa-se que são vários aspectos que tem influenciado, de forma positiva ou negativa, o crescimento pedagógico de uma criança, no que diz respeito à aprendizagem da leitura/escrita. Destes fatores, destaca-se com muita intensidade e que tem atrapalhado e prejudicado, ou mesmo interrompido o sucesso de muitos que são os distúrbios de aprendizagem, ora silenciosamente muitas vezes estão passando despercebidos aos nossos olhos.

Aqui no contexto, nos leva a refletir que nenhuma criança deverá estar fora da escola, por falta de atendimento adequado que o leve a desestimular e não sentir mais o desejo e o prazer de sentar nos bancos escolares. É esta justamente a proposta a ser estudada e que será abordada neste trabalho monográfico, observar e quem sabe até mesmo descobrir, quais são realmente os verdadeiros entraves desta barreira pedagógica.

Percebe-se claramente muita dúvida e ansiedade dos professores que em especial atuam nas séries iniciais, ou seja, na alfabetização. É justamente neste grupo onde encontra-se aproximadamente as crianças com três e até mesmo com quatro anos repetidos, sem nenhum dado investigativo que comprove qual a sua dificuldade e necessidade.

Foi desde então, que propus realizar minha pesquisa de campo, utilizando dois questionários aberto com quatro itens cada um, para que o professor juntamente com o coordenador pedagógico pudesse responder segundo e conforme ele imagina que deva vir a ser “ uma criança com suspeita de dislexia”. Foi um momento sério, onde todos puderam contribuir de forma disponível expondo de forma sucinta e objetiva. A clientela escolhida foram todos os professores envolvidos na alfabetização e dos coordenadores pedagógicos.

Diante da realidade e necessidade para o momento; e por se tratar de um trabalho que requer conhecimento amplo e intimidade com a literatura de vários autores que dedicaram seus estudos e pesquisas sobre as características e as diferenças que há entre uma criança com suspeita de dislexia e uma criança com dificuldade de aprendizagem é que propus este desafio em desenvolver meu trabalho sobre como os professores tem visto e enfrentado este desafio, e como está o nível de conhecimento deste profissional e também de suas famílias. Em meio a muita inquietude e queixas de alguns professores é que busquei conhecer mais e melhor a teoria de vários autores que de uma forma ou de outra, se dedicaram seus estudos e pesquisas a respeito deste distúrbio, entre eles destacam: Fernandez(1991), Valett (1989), Luczynsky (2011), Nunes (1992), Maciel(2010), revistas sites e outros. Estes autores consagrados, por se dedicarem especificamente em investigar, causas e consequências e possibilidades de uma criança disléxica.

Distúrbio esse, que está muito presente no interior de nossas escolas e que tem deixado pais e professores ansiosos e inquietos por se tratar de algo que não podemos vê características físicas aparentemente, mas que requer e exige uma avaliação minuciosa e séria com a participação de uma equipe de multiprofissionais.

Vemos que os autores acima citados entre outros que se encontra no contexto deste trabalho monográfico; muito contribuiu com informações de como se dá o processo de dislexia e quais são os caracteres de um aluno considerado suspeito.

Objetivei neste estudo investigar a real situação de professores em relação ao distúrbio da dislexia e como mediam o trabalho com essas crianças que estão sob suspeita, quais as aflições e dificuldades em lidar com o aluno diagnosticado ou em avaliação e qual é a posição da família diante do quadro.

Prosseguindo veremos sinteticamente a distribuição dos capítulos a serem apresentado como instrumento de apoio para todos aqueles que de uma forma ou de outra, tiverem oportunidade e necessidade de manusear em especial nós educadores do presente.

No primeiro capítulo, apresento uma síntese das principais causas envolvendo as dificuldades de aprendizagem, mostrando fatores relevantes e alguns déficits. No capítulo seguinte, abordo de fato o tema “dislexia” especificando sintomas diagnósticos, e demais fatores determinantes do distúrbio. Por fim, acrescento dificuldades enfrentadas no processo da leitura e escrita em crianças com suspeita de dislexia ou mesmo disléxicas e também na área da aritmética, estratégias de ensino e como proceder e mediar professores no processo de alfabetização.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

São várias as subcategorias, ou seja, os tipos de transtornos de aprendizagem, ora apresentado no interior de nossas instituições; e a dislexia é apenas uma delas.

O que observa a respeito deste distúrbio que, embora seja considerada uma palavra que soe familiar por muitos, tem sido bastante confusa em relação às outras dificuldades de aprendizagem, a respeito do seu significado e suas características específicas.

Assim nos conceitua Frank (2003,p. 04):

“Aprofundando um pouco mais, dislexia é um problema neurológico relacionado á linguagem e à leitura; as habilidades de escrita de palavras e de textos, de audição, de fala e de memória também podem sofrer impactos”.

Nisto vemos, segundo bem nos afirma o autor, que este distúrbio se relaciona especificamente ao processo que envolve a linguagem e também a leitura; e que esta criança, não será envolvida ou mesmo impedida de crescemos vários aspectos; isto esclarece-nos que, quer esteja comprovadamente, ou mesmo entre o grupo dos suspeitos, a mesma terá suas possibilidades de desenvolver suas habilidades e aptidões na medida do possível, segundo lhe for proporcionado.

Uma característica importante a ser destacada a esse respeito, trata-se do fato que as crianças com dislexia ou mesmo suspeitas podem apresentar dificuldades no processo da linguagem; porém cabe-nos observar que isso nem sempre significa que todas crianças irão apresentar da mesma forma barreirasno processo de alfabetização, porém, varia muito de uma criança para outra.

O que nos chama a atenção, em relação às várias teorias apresentadas, é que nós educadores e também os pais, não devemos nos firmar apenas em termos que traz conceitos muito objetivos; para não ficarmos sofrendo e nos prendermos em definições consideradas simplórias, como:“alguém que escreve espelhado”.

Portanto, este é um distúrbio que poderá atingir, qualquer pessoa,ou seja, etnia, ou mesmo qualquer classe socioeconômica e de ambos os sexos.

Segundo Frank(2003,p.07) confirma-nos que:

“Não há meios de predizer se determinada criança vai ter dislexia. Contudo, se alguém na sua família tiver dislexia, seu filho terá maiores chances de vir a manifestá-lo do que uma criança que não apresente essa condição. Pode haver uma ligação genética na família, mas um pai com dislexia não vai necessariamente ter um filho com dislexia”.

Eis aqui, uma confirmação clara, que nos dá uma condição mais segura de não cairmos nos pré julgamentos, utilizando o processo da aparência e da comparação.

Sabe-se, que em uma sociedade, onde prevalece o poder da informação; vê-se: que ler e escrever bem, são considerados fatores de superação e de elevação da auto estima de qualquer criança que se “dizem normal” ; imaginemos então especificamente quando se trata de uma criança com suspeita de dislexia.

Um fator preponderante a destacar, e que está muito presente nas teorias dos vários autores aqui propostos; é o aspecto característico e que nos chama a atenção, de antemão logo que passemos a conviver com a criança que encontra com suspeita de dislexia, fato da mesma ser “inteligente”, dotada de algumas habilidades para a realização de trabalhos manuais, músicas entre outros; sendo que destaca e sobressai com maior intensidade, é a sua dificuldade acentuada na leitura / escrita.

E assim nos esclarece muito bem Frank (2003,p.13):

“À medida que vamos descobrindo mais coisas sobre a dislexia, nossos métodos para aprender a lidar com ela vão continuar melhorando”.

Abem disto, vemos que os disléxicos tem capacidade de aprender, desde que lhe compreenda e respeite o seu potencial criador; pois os mesmos são verdadeiros aprendentes em potencial. E no tocante, vimos que, quando se trata do fracasso escolar, às vezes é responsabilizado apenas o “aluno”, o que é considerado um verdadeiro engano a esse respeito, pois a veracidade dos fatos mostra que isto faz parte de todo um conjunto, ou seja, família, escola de modo geral com todos seus integrantes.

Sabe-se que, como se trata de um distúrbio, e que geralmente tem sido observado seus primeiros caracteres logo no início dos anos escolares na infância; é papel primordial e fundamental do professor de alfabetização buscar contato maior com a família, e também toda equipe responsável para proceder o processo avaliativo.

É de inteira responsabilidade da equipe, ao avaliar esta criança que no momento está com suspeita de dislexia, muito conhecimento das potencialidades que envolvao processo intelectual; além de detectar, as características que nunca poderá ser descartada nas observações durante o encontro nas sessões de avaliações como; baixa auto estima, agressividade, antipatia a desenvolver atividades que trata do processo leitura/ escrita.

Segundo Frank (2003), uma criança que está envolvida neste processo, a mesma normalmente evidencia o tempo todo, todos os dias seus efeitos e está sempre questionando, o por quê não é normal, sempre se sentindo muito “inferior” ou mesmo “ diferente”, entre os demais colegas. Ela está sempre vivendo uma sensação de solidão, de isolamento, mesmo que a sua rotina diária seja fazer parte

de um grupo grande, mas que isto não representa e não tem significado positivo para sua vida acadêmica.

Cabe-nos, dar o melhor apoio possível, ser compreensivo e respeitar os seus sentimentos, ajudá-los a encontrar estratégias e várias outras formas de conviver com este distúrbio.

Davis (1942,p.31), confirma-nos que:

“Ter dislexia não faz de cada dislético um gênio, mas é bom para a auto estima de todos os disléticos saberem que suas mentes funcionam exatamente de mesmo modo que as mentes de grandes gênios. Também é importante saberem que o fato de terem um problema com leitura, escrita, ortografia ou matemática não significa que sejam burros ou idiotas”

Quanto a este conceito, vê-se que o processo da leitura é considerado até por muitos pesquisadores com uma das funções entre as demais, muito complexa e que realmente exige maior esforço de nosso cérebro. O que confirma a veracidade dos problemas que os disléticos e os suspeitos enfrentam no processo da alfabetização, até mesmo envolvendo todas as crianças, só que de forma diferente.

Conforme nos conceitua Davis (1942,p.145), o mesmo nos esclarece que:

“Todos os sintomas da dislexia são sintomas de desorientação. A dislexia em si não pode ser reconhecida definitivamente, mas a desorientação sim. Os princípios sentidos que ficam distorcidos são a visão, a audição, o equilíbrio, o movimento e a noção do tempo.Exemplos comuns: náusea, “ouvir coisas” etc.”

Mediante todos estes acontecimentos, é que vimos na íntegra, que são diversos sintomas diferentes e que quanto ao grau que possa afetar cada indivíduo; isto vai depender e até mesmo variar de uma criança para outra. Observa-se que a partir deste quadro característico deva-nos ater aos cuidados necessários para não generalizarmos o conjunto, ou seja, todos de modo geral.

Ainda segundo Fichot(1978), a mesma nos oportuniza e desperta em nós, a sermos sensíveis e buscarmos a cada dia conhecer os diversos fenômenos em suas manifestações; a partir do nosso primeiro contato com a criança, após esta dar início ao processo da leitura e escrita.

Como bem esclarece Fichot (1978, p.15),quando diz:

“A criança, que toma o caminho da escola, inicia uma longa experiência que vai modificar-lhe a vida e, ao mesmo tempo, a personalidade”.

Quanto a este conceito acima citado, vemos o poder e a responsabilidade que nos cabe como profissionais, e educadores escolhidos para intervir em vidas. É por este e outros fatores preponderantes e determinantes que devemos desenvolver o nosso trabalho com estas crianças, sob a orientação de quem é de fato e de direito e que além disso, nos empenhamos em conhecer com maior profundidade seus conceitos, causas e consequências, para fazermos a diferença na carreira acadêmica e pedagógica desta criança.

Faz-se necessário por parte dos familiares e educadores maior esforço conjunto para vencer os desafios, buscando formas e estratégias de vivências e práticas diferenciadas, por meio de cursos, ou seja, formação continuada e troca de experiência com familiares e colegas que se encontra neste mesmo contexto.

A princípio, não há solução mágica para resolver inúmeros problemas que envolvam sua realidade; porém requer que trabalhem com a inclusão respeitando a diversidade. Pois, a cada método adotado, com certeza irá exigir reformas, adequação, ajustamento constante e permanente, de acordo com o ritmo e a recepção de cada um.

Em conclusão Frank (2003,p.95), deixa-nos estas mensagens a todos os pais e educadores:

“A dislexia é uma dádiva?... se isso é um presente, quero devolver o meu. Todos nós temos questões pessoais e profissionais as quais precisamos trabalhar e melhorar, ao longo de nossa existência. Não conheço ninguém que esteja perfeitamente satisfeito com todos os aspectos de sua vida. Esforçamo-nos diariamente para melhorarmos as relações com nosso cônjuge ou parceiro, para fortalecermos os laços com os filhos, para nos comunicarmos com mais eficiência com os colegas de trabalho ou para usarmos o tempo de maneira mais produtiva e eficiente. Desenvolver estratégias para melhorar em várias áreas é uma constante procura humana. Para conquistar o que se quer na vida, é preciso correr riscos e enfrentar desafios. Lidar com a dislexia não é diferente. [...] Como tudo o mais, é preciso muito empenho, comprometimento, criatividade e tempo para desenvolver maneiras de melhorar.”

De modo geral, sabe-se que independentemente de qual seja a dificuldade, a própria Constituição Federal, ao tratar sobre a educação especial diz: “O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado dos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (Artigo 208, III, CF).

CAPÍTULO I: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

1.1 Fatores Relevantes sobre Déficits de Aprendizagem

Há os problemas de aprendizagem que podem ocorrer em todo processo escolar surgem em situações diferentes, o que requer estudo e investigação na área em que eles se manifestam. Sabe-se que a aprendizagem se refere a aspectos funcionais, resulta de cada estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida.

Esta é uma proposta de trabalhar o processo de ensino aprendizagem, na íntegra com fins determinantes de cunho significativo, ou seja, de acordo com a capacidade e realidade de cada criança; pois como as normais, desejam ser respeitadas e independentes.]

Conceitua-se VALLET (1989. p. 143) a respeito deste significado.

“As crianças aprendem melhor as palavras quando seu significado é enfatizado pelo estabelecimento de associações com percepções visuais, palavras, sons e ilustrações”.

Assim, qualquer problema de aprendizagem tende a implicar amplo trabalho do professor junto à família, para que possa analisar as diversas situações e realizar alguns levantamentos de características, buscando descobrir melhores estratégias de ensino, de modo a atender o fator preponderante que representa a maior dificuldade; levando a superar este desafio e atingir seus objetivos.

Um ponto importante a ressaltar é que se o professor não reconhecer as diversas manifestações próprias do pensamento infantil, terá dificuldades em identificar o estágio em que o aluno se encontra, podendo até mesmo cometer erros,

tais como confundir o egocentrismo de um pré-escolar com problemas de aprendizagem.

Na perspectiva de se ter uma escola mais eficaz para todos, é que se deve organizar e dirigir situações de aprendizagem, mantendo e proporcionando um espaço justo para tais procedimentos e despendendo energia e tempo para que os alunos possam viver e criar em um ambiente aberto ao desenvolvimento de suas habilidades. Segundo Luckesi (1995, p. 126):

“A educação escolar é uma instância educativa que trabalha com o desenvolvimento do educando, está atenta às habilidades cognitivas sem deixar de considerar significativamente as formações de múltiplas convicções assim como de habilidades motoras. A escola não poderá descuidar dessas convicções e habilidades. À escola cabe trabalhar para o desenvolvimento das habilidades cognitivas do educando, em articulação com todas as habilidades, hábitos e convicções de viver.”

Ao educador cabe apenas procurar detectar quais são as dificuldades de aprendizagem que se apresentam em sua sala de aula, partir para investigar as causas, abrangendo os aspectos orgânicos, neurológicos, mentais, psicológicos, adicionados à problemática ambiental em que a criança vive.

Dessa forma, a expansão do enfoque das necessidades educacionais para além das dificuldades de aprendizagem de determinados alunos, leva à identificação de suas necessidades e à escolha de medidas para promover a aprendizagem e a participação de todos nos vários momentos que a escola oferece.

1.2.0 Que São Problemas de Aprendizagem?

Quando se fala em problemas de aprendizagem, considera-se como um sintoma, no sentido de que as dificuldades não se configuram um quadro estável, mas que sustenta a ideia de uma gama peculiar de comportamento nos quais se destacam sinais de descompensação.

Entretanto, é preciso estabelecer claramente os limites que separam “problemas” de aprendizagem dos chamados “distúrbios” de aprendizagem e isso é uma tarefa muito complicada, que fica sob a responsabilidade dos especialistas na área em que esta deficiência se apresenta.

Ao educador, cabe detectar as dificuldades de aprendizagem que surgem em sala de aula, na maioria das vezes em escolas mais carentes e observar as causas, que abrange os aspectos orgânicos, neurológicos, mentais, psicológicos adicionados

à problemática ambiental em que a criança vive. Muitas crianças são rotuladas pelos professores com problemas de aprendizagem quando não atendem ao planejamento proposto em uma programação de ensino.

Na verdade, essas crianças não têm problema algum, mas ficam presas a métodos adotados pelos profissionais que insistem sem êxito, pois necessitam de outras formas e metodologias para expressar seu entendimento, pois apesar de saberem até mais do que aquilo que o professor está ensinando, faltam-lhes mecanismos para demonstrar suas potencialidades.

O professor não pode se esquecer de que o aluno é um ser social com cultura, linguagem e valores específicos aos quais ele deve estar sempre atento, inclusive para evitar a ênfase nos seus próprios valores não o impedindo de auxiliar a criança em seu processo de aprender.

Sabe-se que a proposta do sistema educacional brasileiro é dar, para cada aluno, a oportunidade de aprender tanto quanto sua potencialidade o permitir. Jannuzzi (2004) considerou que a prática educativa voltada para a pessoa com necessidades especiais no Brasil é influenciada pelo modo de pensar e de agir em relação ao diferente. Depende da organização social mais ampla, levando em conta a base material e ideológica do processo educativo.

Assim, são vários os fatores que podem influenciar, positiva ou negativamente, o processo de aprendizagem de uma língua. De todos os fatores destaca-se aquele que com mais intensidade tem atrapalhado e prejudicado, até mesmo impedindo com frequência o processo ensino aprendizagem, que são os distúrbios de aprendizagem.

O que se vê atualmente, é que um dos principais problemas das crianças que estão em idade escolar, é o fato de que as instituições de ensino, públicas ou privadas, independentemente do nível social, em sua maioria não fornecem adequadamente uma resposta a esses problemas, devido às condições e a falta de estrutura, prejudicando ainda mais as crianças que têm apresentado problemas de leitura e de escrita, especialmente no ensino fundamental.

Como bem resalta em seus estudos Valett (1989, p. 59) cita:

“As crianças disléxicas são comumente deficientes na aquisição e no desenvolvimento de diversas capacidades de linguagem. Linguagem receptiva, linguagem mediacional-associativa e linguagem expressiva são

as principais capacidades nas quais essas crianças são deficientes. Todas essas capacidades são interrelacionadas e inseparáveis”.

Observa-se que entre os fatores destacados pelo autor a respeito do processo de linguagem e sua deficiência; é que procede através dos mesmos uma acentuada contribuição para o retrocesso da criança em seu período de formação, especificamente relacionada ao ensino aprendizagem.

E isto aponta com maior intensidade a rever e refletir como está sendo conduzida nossa proposta de trabalho junto a esta criança. Pois, há de considerar-se um aspecto essencial; que é a compreensão, e também a significação do material a ser trabalhado e manuseado pela mesma.

CAPÍTULO II: DISLEXIA

2.1. O Que é Realmente Dislexia?

São várias as definições usadas para este termo, e quem primeiro traduziu o conceito de Dislexia foi Reinold Berlin, em 1984, cuja definição era “condição que ocorria quando uma pessoa de inteligência normal tinha dificuldade em ler”, enquanto que a de maior consenso é a de Critchey (1970), afirmando que trata-se de uma “perturbação que se manifesta na dificuldade em aprender a ler”, mesmo que o ensino seja convencional, a inteligência adequada, e as oportunidades socioculturais estejam suficientes, ainda assim há um déficit no processo ensino-aprendizagem.

É bastante conhecida na atualidade a conceituação do Comitê de Abril de 1994, da International Dyslexia Association- IDA, que traz o seguinte conceito:

“Dislexia um dos muitos distúrbios de aprendizagem. Distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade de decodificar palavras simples” (IDA, 1994).

Normalmente, quando se ouve a palavra dislexia logo vem em mente os problemas que envolvem as crianças no processo ensino-aprendizagem, com ênfase na leitura e escrita, associando a troca de palavras, de letras ou mesmo a outros tipos de lentidão de aprendizagem.

Por se tratar de uma patologia específica, a dislexia é apresentada em várias formas de dificuldades com as diferentes formas de linguagem, que ora incluem frequentemente problemas de leitura e capacidade de escrever e soletrar. Não se refere a uma doença, e sim a um distúrbio de aprendizagem congênito, que realmente interfere de maneira bastante significativa na junção e compreensão dos símbolos linguísticos e também perceptivos.

Portanto, não se pode falar em cura e seus sintomas podem ser identificados logo mesmo na pré-escola ou dependendo do ambiente familiar e escolar até o terceiro ano do ensino fundamental. A dislexia também se caracteriza pelo comprometimento da discriminação visual e auditiva e da memória sequencial.

Faz parte do quadro característico quando se nota uma criança com frustrações acumuladas, produzindo comportamentos antissociais, agressividade e até mesmo situações de marginalização progressiva.

Quando se trata de dislexia, esta é uma síndrome ainda pouco conhecida, como pouco diagnosticada por pais e professores. Estes devem estar atentos a dois importantes indicadores para o diagnóstico precoce da dislexia, que se trata da história pessoal do aluno e as suas manifestações linguísticas nas aulas de leitura e escrita.

É necessário que haja observações e várias investigações, isto é, pais e educadores se preocupem em encontrar traços, indícios em crianças consideradas aparentemente normais, já nos primeiros anos de educação infantil, envolvendo desde as crianças de 4 a 5 anos de idade; pois, caso contrário, não diagnosticando até os 8 e 9 anos, no ensino fundamental, a criança irá apresentar perturbações de ordem emocional, afetiva e linguística.

Como são várias suas definições, vê-se que dislexia “é um conjunto de sintomas reveladores”, ou seja, disfunção parietal (o lobo do cérebro, onde fica o centro nervoso da escrita), geralmente hereditária, ou mesmo adquirida, afetando a aprendizagem da leitura num contínuo e se estendendo a sintomas leves e graves. Frequentemente acompanhada de transtornos na área da aprendizagem da escrita, ortografia, gramática e redação. “Geralmente afeta os meninos em uma proporção bem maior que as meninas” (DROUET, 2001, p.137).

Nota-se que estas crianças soletram muito mal, devido às suas dificuldades e não à falta de inteligência, pois muitas delas se destacaram e apresentam um grau normal de inteligência ou mesmo uma inteligência superior em meio à população. Para Luczinsky (2003, p.134):

“Dislexia é muito mais do que uma dificuldade em leitura, embora muitas vezes, ainda lhe seja atribuído este significado circunscrito. Refere-se à disfunção ou dano no uso de palavras. O prefixo ‘dys’, do grego, significando imperfeita, como disfunção, isto é, uma função anormal ou prejudicada; ‘lexia’, do grego, referente ao uso de palavras (não somente em leitura)”.

Assim como afirmou Luczinsky (2011), outros pesquisadores afirmam a respeito da falta de consenso, em relação ao conceito de dislexia, iniciando a partir

da decodificação do termo, criado para nomear especificamente as dificuldades de aprendizado em leitura e escrita.

Assim, Ransom (*apud* LUCZYNSKI, 2003, p. 134), apresenta a dislexia como uma “dificuldade de aprendizado desde o nível básico, e pode ser resultante da história de vida ou da estrutura organizacional, porém não tendo sua origem na linguagem”. A dislexia também pode ser definida como:

“Dislexia do desenvolvimento ou de evolução, em uma desordem na aquisição da leitura /escrita com competências que acomete a crianças com inteligência dentro dos padrões de anormalidade, sem deficiências sensoriais, isenta de comprometimento emocional significativo e com oportunidades educacionais adequadas”(ELLIS, 1995; NUNES, 1992).

Somente a partir destas e outras colocações é que se tem a possibilidade de dizer que a dislexia é evolutiva e possui caracteres envolvidos no reconhecimento de palavras com grau diferente no momento da compreensão textual.

Diante dos diversos conceitos, conclui-se que a dislexia tem se apresentado com um jeito de ser e de aprender diferente, individualizado, mas que nem por isso deve ser motivo de vergonha ou mesmo impedimento para que alguém possa desistir; deixando-o de prosseguir suas metas, pois há uma dificuldade e não falta de inteligência.

Segundo o conceito expresso por Martins (2011) “a criança aprende de maneira diferente, é necessário entender e compreender que o modo como esta criança articula a linguagem é fundamental para o seu sucesso na escola”.

Mediante aos inúmeros casos contextualizados envolvendo crianças com dificuldade de aprendizagem, deve-se atentar criteriosamente para cada caso, pois pessoas com problemas significativos de leitura não são necessariamente disléxicas.

Entre os vários estudos e avaliações apresentadas, sobre alguns dos aspectos e obstáculos que envolve a memória Frank (2003, p.11), explica que:

“[...] a dificuldade com a memória – tanto a curto como a longo prazo- é um dos aspectos da dislexia emocionalmente mais doloroso”.

A priori percebemos segundo o que o autor conceitua, que estas crianças apresentam seu potencial e que é útil ao educador conhecer mais e melhor seus caracteres e também do sistema e unidades cerebrais para oferecer e desenvolver

um trabalho de qualidade, respeitando suas limitações e seu tempo e ritmo de aprendizagem.

Um indivíduo disléxico pode ser, e em geral é, normal em tudo, menos no aprendizado ou no desempenho da leitura e escrita. Assim, a dislexia revela-se essencialmente como uma síndrome pedagógica, e é a partir desse aspecto que uma criança disléxica ou mesmo suspeita, pode ser reconhecida e caracterizada entre as demais.

Em meios a tantos conceitos e pontos de vista, o que mais se espera de uma criança após seu ingresso na escola é que ela aprenda, pois o fracasso não só aflige os pais, como a própria criança, colocando-a à margem do convívio social, prejudicando-a de modo geral.

Deve-se trabalhar lidando com a dislexia e nunca contra ela. Buscando apoio necessário para adquirir segurança e confiança. Sabe-se, que de tudo que já tem sido conquistado, uma criança disléxica pode conquistar ainda mais coisas, se tiver realmente um sistema de apoio e autoconfiança.

2.1.1 Os sintomas disléxicos

São vários os indícios apontados nos estudos como sintomas inerentes da dislexia. Infelizmente, observa-se que as crianças não conseguem superar por si só tais problemas, que se acentuam na área da leitura e escrita. É necessário que haja intervenção da equipe de profissionais especializados, atuando durante o período de sua escolarização para que o mais cedo possível possa ser diagnosticado e iniciado esse atendimento necessário, com menos complicação tanto no âmbito escolar, quanto no emocional e também no social.

Quando se lista as dificuldades das crianças disléxicas, observa-se que há uma diversidade de caracteres; esse é um ponto muito forte a ser destacado, pois não se trata apenas de um ou dois, são traços que deverão estar evidenciados constantemente, e isto demanda tempo e estudo, como bem afirma Martins (2011).

Sabe-se que de modo geral, a história pessoal de uma criança disléxica traz certos traços, como o atraso da linguagem, da locomoção e pode apresentar problemas de dominância lateral.

Ainda com relação às diferenças entre a oralidade e a escrita, vê-se que na linguagem oral, a criança conta com a presença do outro na conversa, e no processo da escrita, é bem diferente, pois não há o outro, há o vazio que é deixado pela ausência do interlocutor, sendo que o mesmo passa a assumir o papel de quem escreve e de quem lê, isto dificultando muito o processo para esta criança.

Para Ianhez (2002) estes são sintomas de dislexia considerados mais evidentes durante toda carreira pedagógica da criança:

Omissão, inversão ou confusão de fonemas;

- a. Baixo nível de compreensão da linguagem;
- b. Lentidão motora e atraso na aquisição de conhecimento do esquema corporal, orientação e sequenciação;
- c. Confusão entre letras;
- d. Escrita muito irregular;
- e. Distúrbio do sono;
- f. Enurese noturna;
- g. Suscetibilidade a alergias e à infecções;
- h. Tendência a hipo-atividade motora;
- i. Chora muito e parece inquieto;
- j. Dificuldade no manuseio de dicionários e mapas;
- k. Dificuldade de copiar do quadro ou mesmo dos livros;
- l. Entender o tempo presente, passado e futuro;
- m. Não utilização de sinais de pontuação gramaticais;
- n. Substituições de letras.

Várias dessas características das crianças disléxicas podem ser observadas no dia a dia escolar. No entanto, é preciso saber diferenciá-las de outros problemas de aprendizagem, para que o encaminhamento da criança para diagnóstico e a orientação aos pais seja a mais correta possível.

2.1.2 Tipos de dislexia

Calafange(2011) (FALTA Nº DA PAG), diz que a “criança com expressivas dificuldades de leitura não são necessariamente disléxicas, mas todas as crianças disléxicas têm um sério distúrbio de leitura”. Assim, o autor retrata o que ocorre nas

salas de aula e muitas vezes não é percebido pelos professores. Afirma Olivier(2004), que a dislexia existe por diversos níveis, sendo apresentados três neste estudo.

A **dislexia congênita ou inata** nasce com o indivíduo. Pode assim apresentar várias causas, como alteração cerebral, ou seja, os hemisférios são encontrados em tamanhos invertidos ou mesmo exatamente iguais; o normal é que o esquerdo seja maior que o direito. Isto traz consequências no processo de aquisição da leitura/escrita, sendo que na maioria dos casos, o indivíduo não consegue ser alfabetizado, ou chega a ser, mas com muita dificuldade no desenvolvimento da leitura e escrita, compreender e mesmo reter os conhecimentos.

A **dislexia adquirida** vem através até mesmo de um acidente qualquer, como Anoxia por afogamento, entre outros. Trata-se de uma situação em que antes a pessoa era normal e após o acontecido passa por processos que dificultam as condições para a aquisição da leitura, ou consegue muito pouco devido às dificuldades. Essas pessoas apresentam falhas na memória.

Na **dislexia ocasional**, as causas são fatores externos, como estresse, excesso de atividades entre outros, obrigando o uso de tratamento em grande escala e podendo envolver vários outros profissionais, além daqueles que atendem a criança na escola. Os cuidados para este quadro são o repouso e mudança de rotina, para que a pessoa possa voltar ao normal.

Diante de todo este contexto, percebe-se e conclui-se que este é um assunto que não admite generalizações. Destaca Drouet (2001, p.132):

“É preciso parar definitivamente imaginar que a Dislexia faça trocar letras. O que acontece com o disléxico é que, na maioria dos casos, ele não identifica sinais gráficos/letras ou qualquer código que caracteriza um texto. Portanto, ele não troca letras, porque seu cérebro sequer identifica o que seja letra.”

Aconselha-se que, em se tratando do disléxico, é necessário e faz muito bem que pratique esportes, de modo que venha a desenvolver a coordenação motora, o raciocínio lógico e a agilidade.

2.1.3 Diagnóstico

A dislexia não se caracteriza por dificuldades específicas, porém por combinações a níveis de dificuldades e facilidades de aprendizado. Observa-se que quando uma criança é levada ao consultório apresentando a queixa da escola, é de suma importância descartar a possibilidade de alguns distúrbios, antes de emitir um diagnóstico de dislexia.

Nos dias atuais, já há possibilidade de se fazer um diagnóstico precoce de uma criança potencialmente disléxica. Um dos sintomas considerados alarmantes é o distúrbio psicomotor. Percebe-se que, de certa forma, o diagnóstico de dislexia é feito por exclusão, ou seja, em alguns casos, os problemas só passam a ser percebidos como dificuldades significativas de aprendizado, em geral pelo professor, somente a partir do segundo ano da educação básica.

Observa-se que a falta do diagnóstico e de uma adequada assistência psicopedagógica a esse disléxico poderá agravar seu quadro de dificuldades, não só sociais, como do aprendizado. Varella (2010) afirma que nos dias atuais e devido a várias queixas de dificuldade de aprendizagem e exames comprovatórios, o diagnóstico da dislexia está interligado a alterações no cérebro e precisa ser diferenciado de outros distúrbios.

Mediante ao seu ponto de vista, observa-se que para diagnosticar a dislexia, deverá ser excluída a presença e possibilidade de outros distúrbios; aprofundando especificamente na área a ser investigada, buscando conclusões e alternativas positivas que venha beneficiar o trabalho a ser desenvolvido com esta criança. Como afirma-nos Frank (2003), que faz-se necessário tranquilizar esta criança com orientações consistentes, mostrando-a que todas as pessoas são bem desenvolvidas em algumas áreas e que em outras, apresenta algumas dificuldades, tornando assim, um fator normal do ser humano.

Portanto, vemos que as crianças afetadas pela dislexia ou que estão sob suspeitas podem possuir uma inteligência normal, mas não conseguem atingir uma aprendizagem de leitura e escrita de forma realmente satisfatória, ou seja, entende-se que o disléxico não tem nenhum comprometimento intelectual. O que pode ocorrer e vir a acontecer são casos de comprometimento que agravem o quadro de dislexia como o emocional, o socioeconômico e o cultural. De modo que, mais cedo ou ao longo do tempo, isto pode desaparecer.

Os que estudam esse transtorno de aprendizagem dividem-se em dois grupos: os *splitters* reconhecem a dislexia em diversos subtipos, como hiperatividade, transtorno de atenção, dificuldade para atuar na matemática, demora em falar, gagueira, autismo e a síndrome de Tourette; os *lumpers* abordam o grupo dos potencialmente disléxicos e para os extremistas todos os sintomas são manifestações de uma única síndrome de dificuldade.

Devido à anormalidade de uma região cerebral responsável pela identificação de palavras, a criança disléxica não consegue reconhecer palavras que já leu ou mesmo que já estudou anteriormente. Também são consideradas como dificuldade para estas crianças desenvolverem atividades que envolvem rimas, reconhecimento de letras e fonemas, escrita de lado e ao contrário. Todos esses sintomas precisam ser considerados no momento de se fazer um diagnóstico da dislexia.

2.2 O Processo de Aquisição da Linguagem

É um processo fundamental para o sucesso escolar. A linguagem está presente em todos os aspectos e os educadores são considerados potencialmente professores de linguagem, porque usam a língua como canal de transmissão de informações.

É por meio da linguagem humana que cada pessoa pode se expressar por meios de pensamentos e sentimentos. Conclui-se que, as crianças disléxicas apresentam tamanha dificuldade na aprendizagem dos símbolos, o que certamente irá dificultar na evolução da linguagem. No aspecto da linguagem os disléxicos fazem inversão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças mínimas de grafia, como *n-he e-d*. Confudem também letras de grafia similar, como *b-d, b-q*.

Para que haja desenvolvimento ou tratamento da linguagem, alguns membros desempenham um papel fundamental como, por exemplo, os pais, cujo papel é cuidadosamente observar e relatar os comportamentos de linguagem, apoiar, reforçar e também motivar suas crianças em todo o período de crescimento e desenvolvimento da linguagem.

É importante que se possa compreender e entender, que há uma certa demora para a criança com dislexia em escrever, soletrar, ler, seguir direções,

estudar, ou seja, ela deverá empenhar-se mais que os seus colegas. O seu cérebro está trabalhando mais, mas ela leva mais tempo para obter as respostas.

Tendo por base os estudos de Mabel Condemarén (1989, p. 55), pode-se afirmar que “a dificuldade de aprendizagem relacionada com a linguagem (leitura, escrita e ortografia), pode ser inicial e, informalmente, um diagnóstico mais preciso deve ser feito e confirmado por um neurolinguista”. O que se observa é que após a suspeita, este aluno deverá ser encaminhado para a equipe de multiprofissionais para a realização do processo terapêutico.

Segundo Vygotsky (1992) “todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade.” Neste processo de desenvolvimento cognitivo, a linguagem tem papel crucial na determinação de como o sujeito vai aprender a pensar, uma vez que formas avançadas de pensamento são transmitidas à criança através de palavras.

Como profissionais atuantes desde as séries iniciais, os professores precisam ter muito cuidado e atenção em suas intervenções pedagógicas, pois é o canal direto no processo de construção da linguagem. Por isso, precisam ter atenção aos sintomas que podem denunciar a existência de uma dislexia, para que o aluno seja encaminhado para diagnóstico e depois ser merecedor das necessárias intervenções pedagógicas.

CAPÍTULO III: A CRIANÇA DISLÉXICA NA ESCOLA

3.1 Dificuldades de Leitura em Crianças Disléxicas

Há o processo de aquisição da escrita, envolvendo a disgrafia e disortografia. Enquanto a disgrafia é conceituada como a falta de habilidade motora, apresentando lentidão mental no traçado e letras ilegíveis, a disortografia é considerada como a incapacidade de transcrever corretamente o processo de linguagem oral, que é caracterizado pelas trocas ortográficas e também advindas das confusões com as letras. O que é considerado normal para aqueles que estão no nível de primeira série.

Diante disso, observa-se que tanto pais, alunos e também os educadores necessitam e precisam realmente entender que a dislexia, ao contrário do que muitos profissionais da educação pensam, não se trata, definitivamente, de uma doença, mas de um transtorno.

Aos profissionais que atuam diretamente em sala de aula com as crianças que apresentam suspeita de dislexia, cabe desenvolver sua sensibilidade e um senso crítico, envolvendo o discernimento pedagógico, de que realmente a dislexia é uma dificuldade bem específica que envolve diretamente o aprendizado da leitura e da escrita no período escolar.

Eis a razão entre as quais estes profissionais tm sentido dificuldade sem realizar a discriminação fonológica, levando a criança a pronunciar as palavras de maneira considerada errada, devido ao trocadilho de alguns símbolos. E devido a isto, a tendência mais usada é ler a palavra inteira, evitando o processo da soletração das sílabas e também das palavras.

Os vários problemas enfrentados pelos disléxicos que têm a ver com a alfabetização são os mesmos que todas as crianças enfrentam no decorrer dos estudos, pois as outras crianças vão se desenvolvendo notadamente na leitura e na escrita, enquanto que os disléxicos demonstram bastante dificuldade para desenvolver na mesma área.

Sabe-se que a leitura é considerada uma forma complexa de aprendizagem simbólica, na qual mudanças relativas de um pequeno símbolo podem provocar alterações tanto a nível de conceito e até mesmo de pronúncia.

Este processo de aquisição da linguagem geralmente envolve a escrita, a organização dos textos, habilidades motoras e vários outros fatores do processo. Esta é uma tarefa considerada muito dificultosa, o ato de produzir, revelando-se a escrita muito confusa e indecifrável para este aluno.

E devido a estes fatores, que consideramos muito importante que o educador e a família sejam parceiros, no que diz respeito ao diagnóstico e acompanhamento de crianças com problemas de aprendizagem que tratam especificamente da leitura e também da escrita aritmética.

Dentre as várias formas estratégicas de identificação dos problemas e de ajuda para a reeducação da criança, observa-se que o professor deva conhecer quais são essas dificuldades que o aluno enfrenta, buscando de todas as formas evitar rótulos e diagnósticos antecipados, o que é muito comum no meio educacional.

Há um ponto a destacar, considerado como o pior de todas as soluções, que é a concentração intensa que os dislexicos adotam, podendo levar a ler mais devagar e que esta leitura não é considerada algo prazeroso e sim desagradável.

Há uma clara diferença para os disléxicos entre concentrar-se e prestar atenção. Prestar atenção em algo prazeroso e interessante é bom, mas concentrar-se em algo que ameaça a própria vida não é nada agradável. Na verdade, é muito angustiante. A inabilidade para ler e escrever frequentemente parece uma ameaça à vida para a pessoa disléxica (DAVIS, 2004). Sobre o conceito do autor, observa-se muito claramente que esta é uma realidade bem presente no contexto escolar e no interior das salas de aula.

3.2 Áreas de Dificuldade: Matemática

A dificuldade para aprender a linguagem expressa através dos símbolos da matemática poderá ter várias causas: pedagógicas, capacidade intelectual e disfunções do sistema nervoso central. Estas desordens têm sido consideradas como discalculia ou mesmo acalculia. O que em muitos casos são resultantes dos métodos que são utilizados pelos profissionais da escola, às vezes buscando tentativas de ensinar e resolver o problema da matemática. Sobre esses transtornos, Davis(2004. p. 69) afirma que:

“A acalculia e a discalculia relacionam-se diretamente com as distorções do ‘sentido do tempo’ que são comuns entre crianças disléxicas. Estas distorções ocorrem simultaneamente com desorientações visuais, auditivas e de equilíbrio/movimento.”

Diante dessas distorções é bastante comum que os profissionais da escola façam pré julgamentos e definam o aluno como preguiçoso ou desajeitado, o que não é verdade. Toda e qualquer proposição matemática, desde a questão mais simples de cálculo, até os cálculos mais complicados de astrofísica, que é considerada de ordem/desordens e também da sequência do tempo. E é a partir desse conceito que a criança irá desenvolver as atividades que lhe são propostas, pois do contrário ela só terá possibilidades de fazer uso da repetição e memorização.

Conforme Davis (2004), para um disléxico aprender realmente a matemática, ele deverá dispor dos seguintes pré-requisitos e princípios básicos:

- a. **Tempo:** significando a medição de mudança em relação a um padrão;
- b. **Sequência:** significando a maneira como realmente as coisas se seguem, uma após a outra, em quantidade, tamanho, tempo ou importância;
- c. **Ordem:** significando que as coisas estão nos seus lugares apropriados, nas suas posições apropriadas e nas suas condições apropriadas.

É a partir do desenvolvimento desses princípios que uma criança estará apta para transformar algo que outrora era uma luta em algo prazeroso e divertido. Sabe-se que quando uma criança não consegue realmente se lembrar da aparência dos números, ou seja, quando ela não consegue revisualizá-lo de imediato em sua mente, a falha interferirá muito em seu cálculo matemático e na escrita dos números.

Mas no processo pedagógico existem várias estratégias para desenvolver propostas de trabalho buscando trabalhar os conceitos matemáticos, explicando-os de outras maneiras, de modo que este distúrbio seja vencido ou diminuído, até atingir o processo da escrita.

O importante é saber que nem todas as deficiências em matemática são consideradas idênticas. Isto varia de pessoa para pessoa, seu nível de capacidade e o tipo de desordem que ela possa apresentar. O ponto crucial da resolução de todos os problemas de aprendizagem fica geralmente restrito entre a relação direta professor X aluno.

Diante do número de distúrbios, vê-se que a discalculia não é classificada como uma doença mental e nem um déficit auditivo ou visual. Segundo Kocs (*apud* GARCIA, 1998), a discalculia apresenta seis subtipos, que poderão ocorrer por diferentes combinações envolvendo também outros transtornos, como:

- a. **Discalculia operacional:** envolve atividades com cálculos;
- b. **Discalculia gráfica:** quando se refere à escrita de símbolos matemáticos;
- c. **Discalculia pragmatognóstica:** refere-se à enumeração, comparação e manipulação, até mesmo de imagens matemáticas;
- d. **Discalculia verbal:** uso de quantidades matemáticas, os números, os termos, símbolos e as relações no processo cotidiano da linguagem;
- e. **Discalculia ideognóstica:** refere-se à realização com operações mentais e compreensão dos conceitos matemáticos;
- f. **Discalculia léxica:** refere-se à leitura de símbolos matemáticos.

Diante de tudo isto é que se busca vivenciar a importância e significado da zona de desenvolvimento proximal. Segundo Vigotsky (2001), o sujeito necessita de alguém que seja mais experiente e também capaz de desenvolver uma determinada tarefa, de modo que o outro seja beneficiado e produza seu conhecimento, ou seja, a zona de desenvolvimento proximal é um conceito considerado em extensão, que busca criar um vínculo de modo a oferecer e beneficiar atitudes de confiança e um vínculo de cooperação mútua. Esse conceito precisa ser conhecido pelos professores que têm crianças disléxicas em suas salas de aula.

3.3 Estratégias Educacionais

Há uma perspectiva do docente na intervenção pedagógica com o aluno disléxico. É considerado de suma importância que o educador conheça o processo de aprendizagem e que busque mais flexibilidade e interesse em conhecer o ser humano na fase do seu desenvolvimento, tanto em nível da instituição, quanto no seio familiar.

Não dá para negar, nem fugir da responsabilidade de ser professor, pois é tarefa de todo e qualquer educador buscar e viver como base a ética e o compromisso do dever cumprido, efetivando um aprendizado de forma digna e

respeitosa, com novos programas e propostas de ensino que venham de encontro à realidade e necessidade que a inclusão demanda no interior das salas de aula. Necessita-se urgentemente de lutar para que a desinformação não faça parte do roteiro do trabalho do professor, de modo a destruir vidas, futuro e sonhos. Afirma Rogers (1988) que “[...] ele deverá estabelecer com seus alunos uma relação de ajuda, atento para as atitudes de quem ajuda e para a percepção de quem é ajudado.”

Entretanto, acredita-se que uma das maneiras de ajudar o aluno a resolver alguns impasses, é fornecer um método para controlar as desorientações que ocorrem frequentemente. Todos os disléxicos necessitam da habilidade de pensar com os símbolos e as palavras que inicialmente se confundem no seu cérebro.

Para que o aluno disléxico pense nos significados de uma palavra, com certeza, será necessário permitir que crie uma imagem mental e após mostre com precisão o significado. Entende-se que ele acha o aprendizado por repetição mecânica um tédio torturante, como os métodos tradicionais que até hoje não têm surtido os efeitos esperados e acabam apenas frustrando o aluno. Faz-se necessário que pais e professores estimulem e encorajem sempre que for possível e oportuno, para que a criança disléxica, ou com suspeita reconheça o seu potencial interior.

Quando se trata do processo da criatividade, observa-se claramente que é através dela que o ser humano é separado e colocado acima de todo e qualquer ser vivo. E no disléxico esse impulso da criatividade é profundamente forte, quanto nos indivíduos que não apresentam transtornos de leitura e escrita. Às vezes os professores agem na prática ao contrário do que está garantido nas teorias, pois pais e educadores veem de maneira diferente a realidade e a verdade da criança disléxica.

O que acontece na prática é que o professor é instruído a passar por várias fases mecânicas no processo de alfabetização dos seus alunos, o que deveria ser bem diferente. A aprendizagem poderia ser apresentada por meio de experiências práticas, respeitando o potencial e a necessidade; pois todos com certeza conseguiriam dominar muitas coisas rapidamente.

Apresenta-se, a seguir, propostas para melhor atender as crianças com dislexia ou que estejam em processo de avaliação, incluindo-as em todos os

aspectos possíveis, de maneira que elas se sintam parte do processo e não às margens do que acontece em sala de aula:

- a. Trabalhar com famílias de palavras;
- b. Criar pequenas frases;
- c. Oferecer oportunidades de produzir pequenas histórias;
- d. Fazer uso de palavras de mesma configuração;
- e. Uso do treino da visualização de orientação diferenciada das palavras;
- f. Identificação de sons verbais e também os não verbais;
- g. Diferenciar a discriminação das figuras, quanto das formas;
- h. Fazer associação de sons (sílabas);
- i. Atuar com métodos analíticos e o uso do método fônico;
- j. Desenvolver o relacionamento das letras com os sons;
- k. Diferenciar aspectos diferentes em figuras incompletas.

Também Pallares (2000) sugeriu algumas estratégias que poderão amenizar os problemas que são causados pela dislexia:

- a. O aprendizado baseado em métodos multissensoriais, incluindo o uso do tato, os movimentos, as cores, além da visão e audição, que são fontes de aprendizagem;
- b. Estabelecer parcerias entre as crianças e os pais, para que possam auxiliá-los e acompanhá-los nos progressos;
- c. Reforçar a memória a curto e longo prazo;
- d. Colaboração dos educadores de sempre lembrar a criança de suas tarefas;
- e. No início, impedir a leitura perante seus colegas e valorizá-los por seus esforços;
- f. Utilização da tecnologia como fator desencadeador de aprendizagem.

Ao se trabalhar estas e outras estratégias pode-se proporcionar oportunidade e qualidade ao aluno, sem menosprezá-lo. O conhecimento não se instala por passe de mágica, mas é construída na relação entre professor e aluno.

Outro fator de grande relevância é a reeducação, fato este muito significativo neste processo, como o trabalho realizado para o aumento da autoestima, que irá desenvolver aos poucos, nos fatores da confiança e valorização pessoal.

Deve-se trabalhar com a utilização de textos curtos, de forma que prendam a atenção e despertem o interesse e vontade de desenvolver suas atividades. Isto,

aliado à ligação estreita e direta do profissional com a família, fator de extrema importância para o crescimento desta criança.

Há diversos materiais que, se bem manuseados, irão fazer uma grande diferença para o aluno como: blocos lógicos, ábaco, calculadora e outros mais, segundo e conforme a capacidade e necessidade deste aluno.

No tocante aos recursos que podem enriquecer o trabalho do professor Valett (1989,p. 178) indica:

- a. Emprego de letras recortadas em lixa, na cor natural para vogais e em vermelho para consoantes;
- b. Colocar as letras em cartões com desenhos de animais, plantas, objetos;
- c. Uso de letras em lixas para exercícios táteis, com olhos abertos e fechados;
- d. Recortes de revistas com cartões para melhorar a noção de esquema corporal, orientação e organização espaço-temporal;
- e. Uso de letras maiúsculas e minúsculas coloridas, para identificação e discriminação;
- f. Letras divididas segundo elementos lineares para decomposição e recomposição;
- g. Alfabetos ilustrados, enigmas;
- h. Frases e pequenas histórias com os substantivos concretizados;
- i. Meu dicionário especial e ilustrado, com vistas às trocas entre *f* e *v* e outras letras.

Para os alunos, percebe-se que há uma verdadeira gama de sugestões e adaptações para desenvolver uma proposta de trabalho. Reconhece-se que é um tanto difícil para pais e professores aceitarem essas adaptações, devido aparentemente esta criança apresentar-se como outra qualquer de saúde física comum, em vários aspectos da sua idade e condição social.

De imediato, não se poderia confirmar a verdadeira eficácia de todas as estratégias, mas são meios, caminhos que após exercitados deverão sinalizar pontos positivos, desde que a criança o adapte e aceite prazerosamente.

3.4 A Dislexia no Contexto Escolar: o Processo de Alfabetização

No âmbito das instituições de Educação Básica, vemos relatos de professores em situações angustiantes e inquietos, por estar lhe dando diretamente com crianças aparentemente brilhantes e muito inteligentes, que ainda não conseguiram ler e escrever; nem se dispõe de uma boa ortografia para a idade e série que estão inseridos.

Vemos que os alunos com dificuldades de leitura têm apresentado a cada tentativa, frustrações, o que tem sido incluídos em turmas que não condiz com sua realidade, tornando companhia indesejáveis.

Sabe-se que vivemos em uma sociedade, onde a informação, a leitura e a escrita é uma dentre as condições de superação de desigualdades.

A partir do momento em que nos deparamos com uma criança disléxica, deve-se geralmente ir a busca de seus traços característicos e comuns, como o atraso na aquisição da linguagem, atrasos na locomoção entre outros. Pois, são vários os fatores que notadamente lhe deixará às margens, caso não haja uma investigação e intervenção.

Não dá para deixar de fora como realmente se encontra as escolas brasileiras; dotada de uma carência de recursos pedagógicos, tanto de espaço físico, como da má formação acadêmica e da questão salarial vigente. Isto tem contribuído para ser um entrave, junto à escola x comunidade. Mas, independentemente das circunstâncias, vamos erguer nossas cabeças e prosseguir dando o primeiro passo.

A realidade é que há infinitos problemas que são realmente da sociedade, ainda não está em nosso poder em transformar a situação, criando uma história nova.

Por isto, do ponto de vista de nossa realidade, é função sim da escola buscar ampliar a experiência humana, portanto, não sendo limitada apenas ao que imagine ser significativo para o aluno; o que deva proceder, é possibilitar oportunidades criativas de forma a ampliar suas experiências.

É nesta fase tão delicada e cheia de expectativa por parte da família e do professor que a escola deverá atuar junto ao aluno, em suas dificuldades, dando encorajamento, atendendo suas angústias, respeitando suas possibilidades e capacidades, seus limites; informando-a de suas dificuldades, e que este professor

seja sensibilizado para compreender e apoiar esta criança, desenvolvendo um clima de compreensão e atenção de modo a cumprir suas tarefas e atingir seus objetivos.

Na idade pré-escolar da alfabetização há vários sinais, que de antemão, deve-se ficar alerta quanto aos mesmos. Segundo IANHEZ (2002) a estes sinais de dislexia na idade escolar, devemos ter mais atenção:

- Desatenção e dispersão;
- Desempenho escolar abaixo da média;
- Problemas para reconhecer rimas e alterações;
- Dificuldade para copiar lições do quadro;
- Dificuldades em manusear mapas e dicionário;
- Esquecimento de palavras;
- Dificuldade coordenação motora fina;
- Problema de condutor: retração, timidez;
- Leitura demorada;
- Desnível entre o que ouve e o que lê;
- Demora realizar os trabalhos entre outros.

Quando se trata de criança e idade escolar, vemos que a mesma está com atraso escolar, faz-se necessário um empenho por parte do professor, levantando a auto-estima deste aluno propondo atividades que melhor irá desenvolver suas habilidades. Encaminhá-lo para os especialistas de direito para uma séria investigação e poder chegar ao diagnóstico definitivo.

Também será necessário, que este professor procure se inteirar melhor do assunto, para lhe dar com a causa e mesmo atendê-lo com segurança e tranquilidade, aproximar um pouco mais desta família, orientado-a compreender e também a acompanhá-lo neste tratamento clínico e desenvolvimento pedagógico.

Em toda nossa experiência, temos percebido como é difícil para os adultos entenderem, ou seja, pais e professores que estas dificuldades não estão centralizadas em uma deficiência, preguiça ou desatenção, a sua aquisição nos disléxicos, tem exigido um cuidado especial, uma atenção maior para que eles possam atingir seus objetivos.

Normalmente, os disléxicos devido às suas dificuldades, já têm sua comunicação bastante prejudicada tanto no processo de receber, quanto ao transmitir, isto nos referindo à leitura. Mesmo antes de ir para a escola, esta criança

tem o seu canal livre de comunicação com gestos, mímicas, um olhar entre outros. Mas todo entrave está centralizado na leitura e escrita. Outro fator a destacar, que ora tem acontecido em uma criança disléxica são as manifestações de alguns problemas da fala e da linguagem como: dislalia, afasia, vocabulário pobre, gagueira e outros.

Quase sempre a criança disléxica tem sido responsabilizada pelo seu fracasso em todos os aspectos, outro motivo frequente no período escolar é ser castigado, ameaçado, comparado com outras pessoas, sempre tem sim sentido diminuído, deixando-o de viver seu processo criativo e produtor.

No que diz respeito à aceitação do seu problema, é necessário que o professor esclareça que ele é inteligente, quanto a todos colegas e familiares, e sobre estas dificuldades com relação a leitura e escrita, poderá ser também de outros, e que isto não provém de preguiça nem de má vontade.

A propósito já comentamos anteriormente, a necessidade deste professor ser sensível e muito criativo, pois no caso de um disléxico ele sempre será considerado único. Sempre que possível ressalte seus acertos, fale francamente sobre suas dificuldades, valorize o esforço e o interesse do aluno, não tenha nenhum receio que seu apoio e atenção irão incomodá-lo.

Há vários pontos considerados estratégicos que o professor deverá utilizá-lo para não prejudicá-lo ou mesmo inibi-lo:

- De preferência dê a ele um resumo, da atividade a ser executada;
- Sempre estabeleça horários dos seus deveres, de dormir, das recreações;
- Incentive-o a cuidar do seu corpo e vestir suas roupas;
- Além do quadro, deverá usar outros recursos para dinamizar sua aula;
- Nas revisões, que o tempo seja suficiente;
- Nunca force seu aluno a ler em voz alta;
- Sempre dê suas instruções orais e escritas de forma separada;
- Será necessário o respeito do seu ritmo.

Quanto ao processo avaliativo, sabe-se que o mesmo depois de confirmado seu diagnóstico, terá adaptações necessárias, dentro de suas necessidades e realidade.

Além das avaliações orais, é necessário que dê um tempo razoável para que ele desenvolva com calma, de preferência, recomenda-se que seja lido as questões junto com o aluno, de forma que o mesmo possa entender e sentir-se seguro.

No momento das correções, busque valorizar o máximo a sua produção, e se possível converse com ele confirmando algumas respostas a respeito do que ele quis dizer. Seja paciente e compreensivo, pois é normal que ele leve mais tempo para concluir suas atividades.

É considerada uma mola propulsora a participação da família, pois esta é um elemento determinante de como esta criança se sentirá e sairá bem na escola. Suas atitudes em relação à aprendizagem e o seu acompanhamento conta um ponto muito forte e enriquecedor, e com certeza seus resultados serão mais eficazes.

São diversas formas de ajudá-los, e uma delas é compreender a dinâmica dada a atenção e sua base neuropsicológica.

Conforme cita Valett (1989, p. 225):

“os pais são a pedra angular de qualquer programa de educação especial para crianças disléxicas. Com seu envolvimento e apoio na modelagem de comportamento de atenção e através do uso de programas de treinamento doméstico, a criança disléxica pode continuar a fazer progressos significativos na aprendizagem da leitura”.

Ao professor, mais uma vez cabe-nos ajudá-lo em todos os aspectos, pois o seu crescimento e o seu desenvolvimento auxiliam tanto os seus sonhos, como também o dele e juntos, todos objetivos tornarão realidade.

II - OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

- Compreender os significados construídos pelos professores de três escolas municipais de Ensino Fundamental de Águas Lindas de Goiás; a partir de suas vivências com alunos disléxicos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender as concepções dos professores pesquisados em relação ao processo de distúrbio de dislexia;
- Verificar quais estratégias de ensino-aprendizagem os professores estão desenvolvendo junto aos alunos diagnosticados disléxicos;

III- METODOLOGIA

3.1 Fundamentações Teóricas da Metodologia.

Considera-se que a pesquisa provomeu uma análise sobre o tema dislexia a partir de investigações com professores que atuam diretamente com alunos em período de alfabetização. Para tal meta de pesquisa, usou-se a pesquisa qualitativa, buscando compreender as concepções expressadas pelos professores pesquisados.

Com este estudo, considera válidos os pressupostos da metodologia qualitativa, a partir do momento em que entendemos o pesquisador como construtor de inteligibilidade, e não retificador do real. Ou seja, essa pesquisa delimita um olhar para a inclusão verificando as expressões dos participantes, que não esgota o fenômeno estudado, mas possibilita visibilidade para novas reflexões.

3.2 Contextos da Pesquisa.

Formulou-se a idéia de pesquisar e analisar algumas escolas do município de Águas Lindas do Goiás por percebemos, no cotidiano da prática docente, professores e coordenadores não demonstrarem em suas narrativas, conceitos que condizem com o que o quadro de dislexia. A partir daí surgiu à ideia da pesquisa para responder a seguinte questão: mediante as dificuldades encontradas no processo escolar de alfabetização, como os professores conseguem perceber um aluno com suspeita de dislexia, auxiliá-los com estratégias de trabalho?

Para auxiliar na busca por uma resposta, este estudo construiu um espaço de comunicação no qual os docentes expressaram suas concepções sobre o tema proposto a partir de um questionário aberto. E tentamos construir um cenário de confiança entre o pesquisador e docente para que ocorra uma livre expressão sem julgamentos ou restrições.

3.3 Participantes.

Foram pesquisadas as opiniões de professores regentes que estão com os alunos do 1º ano (fase de alfabetização) e também dos três coordenadores pedagógicos destas três escolas municipais que acompanho como professora de recurso itinerante.

Sobre os coordenadores, os mesmos são graduados em pedagogia e já vivenciaram como professor regente. Também contamos com pos graduados em áreas diversas.

Todos também se apresentaram como profissionais que já estão atuando desde dois ou mais anos seguidos. A partir de suas respostas e nas conversas informais, foram bastante sinceros nas suas revelações, quanto ao quesito dúvida e insegurança para atuar e lidar com tal criança suspeita de dislexia.

Escolhemos professores que possuem graduação e ou que estão cursando ou concluíram pós-graduação a partir do pressuposto de que esses profissionais estão aptos a lidar com as diferenças e nuances da escola. De modo algum estamos descredenciando aqueles profissionais que possuem apenas o magistério, mas compreendemos que os profissionais com alguma habilitação perpassaram em debates sobre o tema da inclusão e que tal experiência tenha acarretado alguma mudança no seu modo de enxergar a realidade escolar.

Os professores regentes que participaram dessa pesquisa fazem parte do quadro de profissionais do município. Em relação a eles, especificamente, contam com certa experiência docente.

Visando uma melhor compreensão e conhecimento do perfil de cada um dos participantes, segue as informações na tabela abaixo:

Materiais.

- Caneta
- Blocos de anotações
- Computador
- Impressora
- Prancheta

- Pasta elástica

Professor	Idade	Experiência Profissional	Formação	Formação Continuada
P1	25 anos	6 anos	Magistério	Pedagogia Psicopedagogia
P2	44 anos	20 anos	Magistério	Pedagogia Orientação em Ensino Especial
P3	32 anos	4 anos	Magistério	Letras Gestão Escolar
P4	33 anos	6 anos	Magistério	Geografia Pedagogia
P5	29 anos	7 anos	Magistério	Letras Gestão Escolar
P6	34 anos	11 anos	Magistério	Pedagogia Orientação Educacional
P7	39 anos	7 anos	Magistério	
P8	29 anos	3 anos	Magistério	Pedagogia Orientação Educacional
P9	36 anos	8 anos	Magistério	Cursando Pedagogia
P10	27	5 anos	Magistério	Pedagogia

3.4 Instrumentos de Construção de Dados.

Para desenvolver este trabalho monográfico; Foram escolhidas três escolas municipais, entre às cinco acompanhadas há seis anos; como professora de recurso itinerante do Programa Escola Inclusiva.

Devido às queixas serem muito frequentes e presente nas turmas de alfabetização; a proposta a ser trabalhada com os professores do 1º ano, onde está o maior índice de crianças que tem apresentado maiores dificuldades, evasão e repetências e também aos coordenadores pedagógicos, pelo fato de serem os responsáveis em trazer as dúvidas e os questionamentos dos professores que ora atuam diretamente com a criança e também com os pais.

A princípio conversei com os coordenadores e em seguida juntamente com os professores, relatando qual seria o meu objetivo e o porquê da importância e necessidade deles na realização deste trabalho.

Esclareci a todos que principalmente nestes dois anos, o número de queixas tem sido muito frequente e às dúvidas em diferenciar uma criança em seu estágio de dificuldade de aprendizagem.

A pesquisa empírica, foi realizada no ano anterior 2010, com dois questionários compostos de perguntas abertas; sendo que dez professores responderam quatro perguntas direcionadas com perguntas voltadas especificamente ao contexto escolar; enquanto no segundo questionário, apenas dois professores do total, foram com quatro itens também aberto, reforçando o tema da pesquisa, com o objetivo de obter maiores informações a esse respeito.

Na primeira questão foi: Para você, o que é dislexia? A minha inquietação é saber se eles têm algum conceito a esse respeito e qual é.

A segunda questão foi: Mediante as dificuldades encontradas no processo escolar de alfabetização, que obstáculo tem lhe apresentado para perceber se a criança é dislexica? Neste item, meu objetivo foi saber do docente, qual o seu grau de conhecimento e de experiência em alfabetizar; para diferenciar algumas

características básicas e natas de uma criança disléxica e de uma que esta com outro problema que não seja realmente indício de um “disléxico”.

A seguir, foi perguntado: “Se o disléxico não pode aprender do jeito que ensinamos, temos que ensinar do jeito que ele aprende”. Quais são essas estratégias de trabalho? Minha curiosidade – e também dúvida – é saber se eles estão aptos a ensinar esse aluno? Tem conhecimento de causa e estão oferecendo qualidade no atendimento para esse aluno?

E por último, procuro saber como está o envolvimento desta Família X Escola, pois considero de suma importância. Pergunta: Trabalhar com a participação da família faz a diferença. Nesta situação de uma criança disléxica, como a mesma tem se portado?

3.6 Procedimentos de Construção de Dados.

Para a realização deste trabalho monográfico, optei-me em trabalhar com três escolas municipais de Águas Lindas de Goiás, situada em um bairro de uma comunidade carente.

Propus um questionário aberto, dando oportunidade a todos os professores de alfabetização e também os coordenadores pedagógicos de responder expondo como eles veem o processo da “dislexia” e como ele conceitua.

A aplicação deste questionário foi segundo a disponibilidade de cada escola, e o tempo disponível foi de oito dias para que os mesmos efetivassem sem nenhuma forma de pressão.

Usei do seguinte procedimento: apenas os professores que estão atuando nas séries de alfabetização e também o coordenador pedagógico, por se tratar de um profissional que recebe diretamente todas as queixas da escola, ou seja, convive com todos os problemas e faz o papel de mediador em busca de soluções e alternativas para ajudar toda equipe pedagógica da escola.

Foi orientado para que os mesmos trocassem idéias e experiências de como eles tem sentido e encarado o problema diariamente, junto à criança e também a família.

Ao entregar, deixei bem claro que todos pudessem expor seu ponto de vista e se houvesse alguma dúvida, sentariamos para discutir e chegar a uma determinada solução de dúvidas e quebra de alguns mitos relacionados ao tema proposto para pesquisa.

Todos os profissionais são do sexo feminino, e a minha opção por ser somente os professores de alfabetização, foi devido as queixas serem constante destes profissionais que estão atuando nas séries iniciais, onde normalmente estão as crianças que tem permanecido mais de dois anos na mesma série; sem nenhum diagnóstico que comprove a sua dificuldade de aprendizagem.

3.7 Procedimentos de Análise de Dados.

Foram dez participantes envolvidos na pesquisa de campo, das três escolas municipais de Águas Lindas de Goiás, sendo que o questionário foi composto de quatro itens abertos. Este instrumento buscou investigar como atua o professor regente diante dos alunos que estão apresentando características de suspeita de “dislexia”.

Foi utilizado para aplicação deste questionário o período correspondente de junho a agosto/2010, tendo ocorrido de forma individual, na própria escola, nos horários de coordenação dos professores.

Na primeira leitura as respostas foram agrupadas de acordo com cada item proposto, de maneira que fosse capaz de demonstrar o resultado do seu sucesso ou mesmo do insucesso de cada uma das dimensões apresentadas.

O seu tratamento se deu a partir das informações colhidas nos questionários. Somente com as respostas dos itens, é que se procedeu a análise dos dados. Este foi o instrumento utilizado para obter os resultados, que esclareceram de como tem sido feito o tratamento metodológico da análise dos questionários, o que permitirá a interpretação e compreensão deste estudo.

Este método utilizado tem por objetivo identificar o porquê das dúvidas e ansiedades dos docentes em lidar com estes alunos, ora não diagnosticados e que se encontra em fase de suspeita de “dislexia”.

Observou-se que apesar das limitações, diante do contexto em que todos se encontram inseridos, acredita-se em novas possibilidades e utilidades de estudos que promovam oportunidades e subsídios para maior conhecimento e entendimento das causas da dislexia por parte dos docentes.

IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta abordagem, apresenta-se o resultado de aplicação da metodologia deste trabalho de pesquisa, que ora considerado instrumento de análise, o qual permitiu a avaliação do trabalho dos docentes das séries iniciais de três escolas municipais de Águas Lindas de Goiás.

Entretanto, vê-se que o questionário foi organizado de forma que as questões necessárias fossem abordadas de maneira possível para avaliar e detectar o impacto dos anseios e dúvidas dos professores, no trabalho pedagógico envolvendo estes alunos com suspeita de “dislexia”.

Observou-se que entre um ponto e outro houve algumas considerações que se afastaram da finalidade e dos objetivos que eram pretendidos (alguns totalmente alheios). Quanto aos resultados obtidos com esta pesquisa, são verificados separadamente, a cada item proposto.

Item 1: Para você, o que é dislexia?

De acordo com as respostas dos participantes, em relação a primeira questão do questionário “o que é dislexia?”, observa-se que independentemente de não ter participado de algum curso específico na área, o primeiro grupo conseguiu registrar seus conceitos em parte, razoavelmente, dentro de algumas características comprovadamente de “dislexia”, admitindo que sabia o conceito um total de 40%, conceituando conforme o texto abaixo:

Professora1

“Distúrbio na aprendizagem na área da leitura, escrita ou soletração”.

Professora2

“É o distúrbio apresentado na escrita, onde o aluno troca fonemas”.

Professora4

“Dificuldade de ler algum fonema”.

Professora5

“Dificuldade que a criança tem de reconhecer as letras”.

Observa-se que as professoras reportaram na sua fala o processo de dificuldade da leitura/escrita e que nenhuma confirmou qualquer problema a nível da inteligência. Isto demonstra que o indivíduo, mesmo que apresente suspeita de “dislexia” e que esteja passando pelo processo de avaliação, o seu estado não implica que a sua dificuldade é acentuada, ou mesmo provocada pela falta de inteligência.

Enquanto isso, o surge uma resposta em que a professora pesquisada reporta sua concepção ao não saber do aluno como falta de motivação na aprendizagem. Claro que deveríamos aprofundar nessa concepção para entendermos o que a docente entende sobre aprendizagem, desenvolvimento e estímulo para aprender. A resposta foi:

Professora3

“Trata-se de uma criança sem estímulo algum na aprendizagem”.

Desta forma, percebe-se que essas professoras não têm conhecimento real do que é “dislexia” e que estão entre aqueles que na sua angústia e ansiedade acabam, de certa forma, rotulando todos os alunos com problemas na leitura e escrita. Anulam toda a complexidade que perpassa a situação da criança no contexto de sala de aula. E mais, cada uma irá lidar com essa relação de não-

saberde maneira singular e que na massificação imposta pelo professor, o aluno se perde e poderá realmente reproduzir a condição de não-saber.

Surpreso ao percebermos as respostas quase que padronizadas, questionamos a respeito de como têm trabalhado suas atividades com estes alunos, alguns confirmaram que lhes têm passado alguma tarefa diferenciada e que às vezes também lhes dispensam um tempo maior para a realização dos trabalhos; mas que isto nem sempre acontece, depende da ocasião. Ou seja, não é algo que tenha um objetivo e direcionado para tal fim, porém é ocasional e muito raramente. Como exemplo apresentado de atividades apontou: jogos, quebra-cabeça, jogo da memória, material concreto, atividades de recorte e colagem entre outros.

Uma questão interessante durante a pesquisa nos inquietou. Dentre 10 participantes, 5 responderam que não sabiam o que é dislexia. Deixaram o espaço em branco, alegando que ainda não tiveram oportunidade de estudar sobre essa especificidade, portanto, não quiseram arriscar-se. Claro que não podemos reificar tais respostas e deveremos pensar os “por quês?” que eles não quiseram responder tal pergunta. Será que não queriam participar dessa pesquisa? Ficaram receosos com a possibilidade do erro? Minha atuação dentro do grupo ou na região? Não sabemos.

Estes professores devem ser alvo de preocupação, pois o aluno com suspeita de dislexia está incluso nas salas de aula, necessitando, sim, de ser encaminhado para uma avaliação e também de um atendimento específico para que avance e consiga ser compreendido e respeitado em seu ritmo de desenvolvimento intelectual e pedagógico. Hipotetizamos que o fato de ter receio, por parte do docente perante a questão, do erro nos preocupa a sua postura perante o aluno que demonstra certas dificuldades em aprender e comete erros consecutivos. Além do mais, cremos que a aprendizagem criativa se dá por intermédio dos erros consecutivos e a reflexão proposta pelo docente de dialogar com a criança os erros, possibilitando a infante gerar alternativas para o erro podendo atingir o êxito da aprendizagem.

Além do mais, as respostas da primeira questão expressa, por parte do sistema educativo, que há certa necessidade de oferecer a estes docentes oportunidades de formação continuada nas várias áreas específicas do processo inclusivo.

Item 2: Mediante as dificuldades encontradas no processo escolar de alfabetização, que obstáculos têm lhe apresentado para perceber se a criança tem características, e é suspeita de dislexia?

Com relação segunda questão, apresenta a confirmação dos professores de que tem sido muito difícil diferenciar um caso do outro, por falta de conhecimento específico, notadamente na área afim. É até redundante e inesperado, pois ao receber a primeira questão, onde a metade do grupo pesquisado não soube ou não quiseram responder, o que iria acontecer com as outras? Pois do total, 4 conseguiram responder que “**sabe**”, e já ouviu leu alguma coisa que tratava deste assunto ou que assistiu uma reportagem sobre dislexia. Porém, em suas respostas, vê-se que as pessoas que responderam têm uma noção muito vaga sobre o que é “dislexia”, prova disso são as falas abaixo:

Professora 1

“Demonstrando desinteresse de participar das atividades”.

Professora 2

“Falta de formação sobre o assunto, em reconhecer o distúrbio”.

Professora3

“Por meio da escrita, confunde os fonemas, grafemas”.

Professora4

“Falta de capacitação e conhecimento no assunto”.

Em vista de suas respostas serem realmente focadas em alguns pontos que dizem respeito ao tema, a maioria das queixas e dos pré-diagnósticos segue essa linha representativa que surge nas respostas. São direcionados diretamente apenas por algo que ouviram falar que faz parte do assunto, ou seja, qualquer sinal característico dentre os demais, eles já os consideram como suspeitos de “dislexia”.

Embora a dislexia afete a capacidade da criança ler, escrever, ou mesmo de expressar seus pensamentos enquanto escreve, não se pode achar que ela seja disléxica.

O que é mais interessante, se os professores não quiseram relatar o conceito de dislexia, como eles iriam poder observar e suspeitar que uma criança demonstre o quadro disléxico? Mesmo assim, eles responderam a segunda questão.

Observamos que as professoras ou preferiram deixar a resposta em branco, ou colocar seu ponto de vista embasado no senso comum. Portanto, seu saber é, de certa forma, vago, alheio àquilo que se pede e que deva ser no sentido real do contexto de estudo da pesquisa monográfica.

Seguem as respostas:

Professor 5

“Dificuldade de lembrar o que foi apresentado pelo professor”.

Professor 6

“Quando ela é totalmente dispersa e com problemas familiares”.

Professor 7 e 8

Optaram por deixar o espaço em branco.

Professor 9

“Quando a criança apresenta dificuldade de comunicar-se”.

Professor 10

“A maior dificuldade, conscientização da família”.

Faz-se necessário promover situações de preparação dos professores da rede, para que os mesmos exerçam sua autonomia e apliquem suas competências, de modo que o aluno seja assim bem servido.

Item 3: Se o dislético não pode aprender do jeito que ensinamos, temos que ensinar do jeito que ele aprende. Quais são as estratégias utilizadas para serem desenvolvidas com o aluno suspeito de “dislexia”?

Na análise desenvolvida com este item, o grupo que confirmou “**sabe**”, cerca de 90%, mesmo não tendo nenhum tipo de confirmação diagnosticada pela equipe de multiprofissionais, segundo eles buscam trabalhar parcialmente com este aluno, proporcionando-lhe uma atividade diferenciada, desde que a ocasião o permita; pois sabem que este aluno está no momento apresentando um déficit em relação aos demais, mas não expressaram do que realmente se trata:

Professor 1

“Promove aula dinâmica, mais participação da família, estimular a criatividade”.

Professor 2

“Concreto, oral e fônico”

Professor 3

“Uma das estratégias, é trabalhar com o método fônico”

Professor 4

“Atividades lúdicas, jogos e dramatizações”

Professor 5

“Trabalhar o lúdico, jogos, dramatizações e brincadeiras”

Professor 6

“Envolver jogos, dança, canto e dramatizações”

Professor 7

“Através de jogos, brincadeiras e músicas”

Professor 8

“Através de material concreto e jogos”

Professor 9

“Deverá perceber o melhor jeito que o aluno aprender, buscar apresentar formas variadas de atividades”.

Diante do que foi exposto de estratégias que têm sido desenvolvidas pelos professores da rede de ensino nas três escolas envolvidas na pesquisa, observa-se o esforço que fazem para atender o aluno com suspeita de dislexia, pelo menos em parte; independentemente do diagnóstico, esforçam-se para desenvolver e oferecer a este aluno algo diferente, de modo a não lhe deixar à margem do processo ensino/aprendizagem, em especial aqueles que são repetentes e estão muito desestimulados na sala de aula.

Mediante o contexto em que estes profissionais estão inseridos, observa-se que estão buscando, na medida do possível, se preparar para a diversidade, pois em uma classe nunca há de se esperar turmas homogêneas, pois o importante e normal de uma sociedade ou família é a diferença, que é real e muito presente.

Apresentam-se a seguir a contribuição relacionada ao grupo dos que **“não soube responder”**, da questão três relacionadas **“as estratégias de ensino”** somando apenas 10% do total de participantes.

Isto significa, na atual realidade, é que há professores que realmente não acreditam e nem aceitam a proposta de se trabalhar com os olhares e objetivos voltados para a diversidade, o que não deixa de ser normal. Estes profissionais são encontrados em todas as instâncias educacionais. Assim confirmo texto abaixo:

Professor 10

“Atividades dirigidas, como leitura em voz alta e corrigir no ato em que errar”.

Maciel (2010) mostra muito bem o valor da diversidade com sua colocação:

“Queremos enfatizar nossa criança de que é preciso desigualar condições para igualar oportunidades. Ou seja, como o desenvolvimento humano é marcado pelas diferenças, necessitamos entendê-las e respeitá-las para

que todos possam se desenvolver. E é esta mensagem que queremos passar: ‘O substrato da inclusão são as diferenças (p. 25)’.

Eis aqui uma pequena parcela daqueles que ainda necessitam serem sensibilizados e conscientizados do real e verdadeiro sentido do processo inclusivo, que se trata de algo que chegou e foi implantado para expandir, progredir e nunca ter um retrocesso.

Observa-se que em sua confirmação está muito incoerente com a proposta que deverá ser adotada para aqueles que estão no grupo dos suspeitos de dislexia. Além de uma parcela de educadores, percebe-se também que há determinados segmentos que persistem em permanecer desacreditando e discriminando aqueles que são considerados diferentes por um motivo ou outro qualquer. A pedagogia da exclusão tem origens remotas e esta constatação de não aceitação começa no seio familiar e segue-se ao social, principalmente na escola.

Item 4: Trabalhar com a participação da família faz a diferença. Nesta situação de uma criança suspeita de dislexia, como a família tem se portado?

Mediante as respostas dadas pelas professoras, observa-se que a família tem atendido ao apelo e ao chamado da escola, para juntos buscarem alternativas de melhoria para este aluno. Observamos as seguintes respostas:

Professora1

“A família não conhece o distúrbio, mas vê como uma dificuldade de aprendizagem, busca ajuda e cobra da direção o atendimento”.

Professora2

“Sim. Aqueles que têm atendido o nosso chamado, tem sido essencial e importante para o trabalho”.

Professora3

“Sim. Tem sido mais fácil, mesmo eles não podendo ajudar nas atividades, mas a presença e a preocupação fazem a diferença”.

Professora4

“Eles não têm conhecimento, mas temos solicitado a participação e fazem o que podem”.

Professora5

“A participação é essencial, mas se trata de uma comunidade carente; ajuda um pouco, porém a parcela maior fica com a escola”.

Professora6

“Sim. Quando a família fica de fora, só prejudica, mas temos cobrado e eles nos ajudam um pouco”.

Professora7

“Sim. Quando ela ajuda, mesmo que não seja muito, a criança passa a ter mais interesse”.

Professora8

“É fundamental a participação em todo o processo, mesmo porque a escola só faz a sua parte”.

Observando o depoimento das professoras pesquisadas percebe-se que elas atribuem certa importância e necessidade de ter a família lado a lado neste processo. Percebemos que, dentro do possível, se têm solicitado a estes pais a buscarem recursos para o aluno poder desenvolver e crescer como pessoa e cidadão.

Porém, a **professora 9** vem com a concepção de que a família está muito distante e que embora seja chamada para somar com a escola, não tem dado crédito e nem mesmo demonstrado interesse em participar deste processo essencial. Assim é a resposta:

Professora9

“São desprovidos de conhecimento, deixa a responsabilidade apenas para a escola, ainda recrimina a criança”.

Professor 10

“ não respondeu”

Hipotetizamos que as respostas perpassam a possibilidade de compreendermos a realidade escolar do município. Nisso, a partir de tais respostas, compreendemos a realidade escolar como limitadora do desenvolvimento da criança pelo o não saber docente. Assim, instrumentalizam a participação da família no contexto escolar ao propor uma necessidade abstrata. Ou seja, as respostas não deixam claro o que é, verdadeiramente, de suma importância para que a família participe no cotidiano escolar.

Estes professores têm visto que a presença dos pais é essencial e conta ponto positivo para o filho, pois o seu envolvimento com a instituição faz parte do processo pedagógico. Caberia, em outra pesquisa, entendermos as motivações e necessidades que perpassam os aspectos subjetivos desses professores quando clamam para a participação da família na escola. Por nota, mediante tal questão, a professora 10 não respondeu. Os verdadeiros motivos para negação de sua expressão não sabemos.

A diversidade das respostas ilustra que não tem sido fácil desenvolver o trabalho com o aluno que tem apresentado suspeita de “dislexia”. Suas concepções foram bastante heterogêneas nos quatro itens propostos acerca do tema.

Assim, as dificuldades observadas no grupo de professores pesquisados foram, de modo geral:

- Elaboração de materiais;
- Número de alunos na sala;
- Falta de conhecimento específico na área;
- Apoio das famílias dos alunos;
- Realizar atividades específicas para o aluno.

Resultado da entrevista nº 02

Ao construirmos as questões anteriores, incitou-nos à realização de entrevistas com alguns participantes, de modo que pudesse aprofundar em temas que abertos a partir das questões do questionário. Procuramos centralizar a

entrevista nos conceitos de como tem sido a realidade escolar do docente e do seu trabalho com o aluno suspeito de dislexia.

Foram envolvidos apenas dois professores de alfabetização, dentre os dez dessa pesquisa. Como já dissemos, com objetivo maior de obter e ampliar o leque de informações sobre o contexto da pesquisa.

A maneira pela qual deu o processo de escolha destes dois profissionais foi pelo fato de os mesmos estarem com alunos em fase de avaliação de diagnóstico pela equipe de multiprofissionais.

Questionados a respeito do primeiro item: **“Quais são as estratégias que poderá e deverá ser utilizada, desenvolvida no trabalho pedagógico, com o aluno que tem apresentado característica e que supostamente está em avaliação com suspeita de dislexia”?**

Professora A

“Avaliação oral, trabalho em grupo e textos xerocados.”

Professora B

“Evitar que o aluno tenha contato direto com leitura e incentivar interpretações e atividades mais artísticas incentivando dentro das possibilidades de aprendizagem.”

Mediante as respostas assim afirmadas, observamos que as mesmas confirmaram ser necessário um atendimento diferencial ao aluno. Ou seja, não restringir apenas a adaptação curricular, pois cada aluno com suspeita de dislexia, provavelmente, apresentará questões particulares na sua aprendizagem que poderá destoar dos demais colegas. Assim, cabe ao professor criar um espaço de diálogo com esse aluno, de modo que o docente compreenda quais são as reais necessidades desse aprendiz singular.

A seguir, passemos para o segundo item que traz a seguinte abordagem: **“Você percebe e vê algumas possibilidades de que o aluno incluso está com suspeita de dislexia, e que terá oportunidades e capacidades de desenvolver seu potencial em relação aos demais colegas de classe?”**

Professor A

“Sim. Desde que seja trabalhado de forma adequada”

Professor B

“Sim. O aluno com suspeita de dislexia pode desenvolver, desde que seja estimulado e mediado para desenvolver dentro de suas limitações”.

Em suas respostas, tanto o professor A, como o professor B, teve pontos comuns em suas respostas, pois os dois entendem e reconhecem a necessidade de entrar em um espaço significativo com este aluno, de forma a respeitar o seu limite e que estas estratégias adotadas sejam condizentes com a realidade e necessidade deste aluno.

Prosseguindo para a próxima análise do item três: **“Como você avalia as condições da escola no momento, para receber e desenvolver um trabalho que venha de encontro com a realidade e necessidade do aluno com suspeita de dislexia e que se encontra incluso no ensino regular e está realizando a avaliação com a equipe de multiprofissionais?”**

Professora A

“Há profissionais que ainda não estão prontos para trabalhar com esses alunos, mas há também os esforçados que estão realizando seu trabalho, estimulando esse educando”.

Professora B

“A condição e estruturação da escola deixam muito a desejar, pois mesmo quando a equipe realiza a avaliação a escola necessita de um suporte, o professor também, e até o momento não nos é oferecido”

Percebemos em ambas as respostas o foco na má formação dos profissionais que estão nas escolas e a própria instituição escolar falida no processo de compreender a singularidade do aluno e gerar alternativas para os seus problemas. A escola passa por problemas estruturais, político, ideológicos etc., que deveriam ser constantemente discutidas pelos atores sociais que a compõe; e não por

doutores em educação de escritórios que nem imaginam os verdadeiros problemas que professores passam no seu dia-a-dia.

Passemos para a nossa última questão: **“Quais foram às mudanças e contribuições da família, junto à escola, a partir da queixa e do encaminhamento deste aluno para a equipe de multiprofissionais diagnóstica?”**

Professora A

“A família do aluno que faz parte deste atendimento tem contribuído levando o aluno para os atendimentos e mudaram no sentido de compreensão nas dificuldades do mesmo”

Professora B

“A família não tem conhecimento suficiente e principalmente entendimento para acompanhar o filho, alega, não tenho tempo e diz que o filho é “burro”, e que não vai perder um dia de trabalho por nada”.

Após a leitura dos dois textos dos professores A e B, vimos realidades diferentes, pontos de vista divergentes. Ou seja, nada é igual, o diferente está no pensar, no agir, e assim sucessivamente. Enquanto que a professora B, se posicionou relatando uma representação equivocada da família frente a criança, a professora A consegue compreender a relevância da participação da família do processo de inclusão. Até que ponto a professora B respondeu a partir da fala da família ou ela está enviesando o próprio olhar para a questão singular da criança com suspeita de dislexia? Será que o fato de adjetivar a criança de “burra” não é a reprodução criada na relação aluno-professor-escolar-comunidade-família? Não temos respostas, apenas indagações.

Hoje, o desafio do professor do século XXI é educar na diversidade. É conviver com o diferente, sendo aberto ao novo, flexível às mudanças são quase que diárias. Faz-se necessário, de modo geral que a escola e a família trabalhem juntas para que possamos atingir um ensino em parceria e que considere toda a diversidade escolar.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em se tratando do distúrbio de dislexia, vê-se, que tem sido uma patologia que está presente nas nossas instituições escolares; e que muito tem prejudicado à criança, devido não ser algo que possa diagnosticar ou mesmo perceber suas características e intensidade de maneira simples e rápida. O que se pode observar é que este distúrbio afeta o desenvolvimento da leitura/ escrita, do indivíduo; deixando-o na maior parte dos casos, por anos consecutivos na mesma série. Portanto, pode-se concluir que a dislexia se constitui como um processo de dificuldade de aprendizagem do aluno, sendo que estudos têm confirmado causas genéticas e neurológicas.

O estudo realizado para realização deste trabalho, juntamente com a pesquisa de campo, teve como objetivo primordial obter maiores informações a respeito do assunto, e oportunizou a obter uma pequena amostra, das causas e características de um aluno considerado com suspeita ou mesmo que já tenha um diagnóstico fechado; este com o objetivo de levá-los a compreender e poder desenvolver um trabalho digno que envolva esta criança no contexto educacional de forma respeitosa e inclusiva.

Mediante os estudos baseados nos teóricos como: Frank(2003), Davis(2004), Vallet(1989) e outros; vê-se que os mesmos apresentaram conceitos e estratégias que irão nortear o trabalho de modo mais seguro e consciente. Estes esclareceram com muita objetividade que o distúrbio de dislexia, não se trata de um problema que venha ser superado a curto prazo, mas que é necessário, esforço conjunto por parte da família X escola, buscando parcerias com os profissionais de direito; e também mudando suas estratégias de trabalho, incluindo-o de modo que este se sinta acolhido e integrante do processo ensino aprendizagem.

Sobre os métodos e estratégias estudadas, conclui-se que não dá para afirmar que há um só método a trabalhar; devido ao fato de que cada criança é única, o que se pode proceder é praticar aquele que melhor tenha atendido e aceito pela criança em sua prática.

Pois, para os autores aqui estudado, nunca é tarde para ensiná-los, mesmo sabendo que o seu processo informativo é um pouco lento, porém com garantia absoluta de que são capazes, desde que respeite o seu ritmo.

Sabe-se que dislexia, não é algo que consegue superação, resultado imediato, mas que necessita urgentemente que os pais e seus professores sejam mais sensíveis e atentos aos sinais, para poder intervir, buscando meios e recursos para melhor garantir suas metas e atingir os objetivos, junto a esta criança etambem a família.

Os conceitos teóricos nos mostram que quanto mais cedo na vida acadêmica de uma criança for comprovada o diagnóstico, será melhor seu progresso, isto lhe oferecendo apoio tanto de programas, como estratégias adequadas que beneficie o seu desenvolvimento criativo e potencial.

De modo geral, vemos que são muitos os fatores que devem ser levados em conta neste processo, entre eles destaque: os níveis econômicos e culturais em que esta família e mesmo a criança pertença, sem contar a que tipo de escola ela está inserida, pois isto conta muito para que a mesma não venha ficar às margens, digo esquecida

É nesse sentido que foi verificado a importância e significatividade do trabalho que deverá ser realizado com esta criança, incluindo seus mecanismos e subsídios necessários para que ela sinta prazer em desenvolver suas atividades.

Poi, o objetivo maior é que os alunos que estão em avaliação sejam realmente incluídos. E para que isto aconteça, há de haver uma mudança cultural, em ambas as partes, ou seja, de todos que estão envolvidos neste processo de atendimento, escola X família e comunidade.

Também se faz necessário que as escolas se preparem e adeque em relação ao trabalho específico e o domínio e à aprendizagem individualizada.

Assim diz Valett (1989):

A única organização escolar sensata é aquela que atende às necessidades múltiplas das crianças de forma que elas sejam ensinadas naquilo que

necessitam saber e que sejam premiadas por fazerem progressos contínuos (p. 272).

Concluindo todo estudo prático e teórico, deixou-nos lições de que as crianças disléxicas necessitam e precisam urgente de escolas que estejam organizadas, que venha permitir e encorajá-los que aprendam e progridam em seus próprios ritmos.

REFERÊNCIAS

- ABD-ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>. Acesso em 19.02.2011
- CAGLIARI, I. C. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1995.
- CALAFANGE, Selene. Dislexia, um desafio do processo de ensino aprendizagem. Disponível em: www.internetwwws.com.br, em 21.03.2011.
- CONDEMARIN, Mabel, Blomquist, Marlys (1989). Dislexia; manual de leitura corretiva. 3ª ed. Tradução de Ana Maria, Netto Machado. Porto alegre: Artes Médicas.
- COOL, Cesar PALACIOS, Jesus e MARCHESI, Alvaro. Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 vol. 3
- Coordenação de ALBURQUERQUE, Diva e BARRETO, Silviane- Brasília; Editora UnB, 2010.
- DAVIS, Ronald D. O dom da Dislexia. Editora: Rocco, 2004
- Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar. / Celeste Azulay Kelman
- DROUET, Rruth Caribe da Rocha. Distúrbio de Aprendizagem. São Paulo Ática, 1990.
- ELLIS, A. W. Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva. Porto alegre: Artes Médicas, 1995.
- FERNANDEZ, A. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FICHOT, Anne-Marie. A criança disléxica: as perturbações da linguagem. LDA editora, 1967.
- FONSECA, Vitor da. Introdução às dificuldades de aprendizagem. 2ª ed. Porto alegre: Artes Médicas, 1995.
- GARCIA, j.n. Manual de dificuldades de aprendizagem, leitura, escrita e matemática. 1ª edição: Porto Alegre; Artmed, 1998.
- HOUT, Anne Von: ESTIENNE, Françoise. Dislexias: descrição (avaliação, explicação e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- IANHEZ. Maria Eugenia e NICO, Maria Ângela. Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. São Paulo: Elsevier, 2002.
- Jannuzzi, G.A luta pela educação do deficiente mental no Brasil. A educação do Deficiente no Brasil (dos primórdios ao início do século XXI). Campinas/ SP: Autores Associados, 2004.
- JOHNSON, Doris J. EMYKLEBUST, Helmer R. Distúrbios de Aprendizagem – Princípios e Práticas Educacionais. São Paulo: Pioneira, 1987.
- LUCKESI, Cipriano Carlos, *Avaliação da aprendizagem escolar*, São Paulo, Cortez Editora, 1995.
- LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e*

- proposições. São Paulo: Cortez, 1995.
- LUCZYNSKI, Zeneide B. Panlexia: histórico do método. Acesso em www.dislexia.com.br, Acesso em 17/02/2011.
 - MARTINS, Vicente (2011) Linguística Aplicada às dificuldades de aprendizagem relacionadas com a linguagem: dislexia, disgrafia e disortografia. Disponível na internet: <http://sites.uol.com.br/Vicente.martins/>. Acesso em 14/02/2011.
 - NUNES, Terezinha. Dificuldade na Aprendizagem da Leitura: Teoria e Prática. Editora: Cortez, 1992.
 - PALLARES, Josep A. Disfuncion cognitiva em la dislexia. Revista Espanôla de Neurologia Clínica, v.1, nº 1, p.115. 2000.
 - ROGERES, Carl R. Liberdade para Aprender. Belo Horizonte: Ed. Inter Livros, 1997.
 - VALLETT, Robert E. Dislexia: uma abordagem neuropsicológica para a educação de crianças com graves desordens de leitura. São Paulo, 1989.
 - VARELLA, Drauzio. Dislexia. Disponível em www.drauziovarella.com.br/entrevista/dislexia//6.asp. As máquinas ficam mais inteligentes e nós? Acesso em 18.12.2010.
 - VYGOTSKY, L. S. Psicologia da Arte. Martins Fontes, 2001.
 - VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

APÊNDICES

ANEXOS

Anexo I

Termo de consentimento

Você esta sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após os esclarecimentos sobre as informações a seguir, e, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Sendo uma via do voluntário e a outra do pesquisador responsável.

Gostaria de agradecer antecipadamente a sua disponibilidade para participar e colaborar neste trabalho.

Antes de começar a entrevista, faz-se necessário as seguintes informações:

Gostaria de salientar o caráter de sigilo de tudo aquilo que for dito aqui. Este é um compromisso ético que se tem com todas as pessoas que participam de pesquisas.

Desde já, está garantido o esclarecimento de dúvidas do entrevistado, antes e durante o curso da pesquisa.

O sujeito tem a liberdade em recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Nome e assinatura da

pesquisadora _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____
_____, RG _____, CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar como sujeito do estudo, acima citado. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Nome e assinatura do sujeito: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar

Testemunhas (não ligadas à pesquisadora):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

APÊNDICES

Formulário de Entrevista N° 1.

**PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL UAB na UNB
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR.**

CURSISTA: MARIA DO CEU DE SOUZA DOMIENSE

TURMA: B / ORIENTADORA: ANA PAULA CARLUCCI

MONOGRAFIA: QUESTIONÁRIO DATA: ----/----/----

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

IDADE _____ SEXO: F() m()

ESCOLA MUNICIPAL: _____

PROFESSOR (A) _____

SÉRIE/ANO _____

Questionário

1. Para você, o que é dislexia?
2. Mediante as dificuldades encontradas no processo escolar de alfabetização, que obstáculo tem lhe apresentado para perceber se a criança é disléxiaca?
3. Se o dislético não pode aprender do jeito que ensinamos, temos que ensinar do jeito que ele aprende. Quais são essas estratégias de trabalho?
4. Trabalhar com a participação da família faz a diferença. Nesta situação de uma criança disléxica, como a mesma tem se portado?

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA N°2

PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL UAB na UNB

CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR.

CURSISTA: MARIA DO CEU DE SOUZA DOMIENSE

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Escola: _____

Graduação: _____ **Pós-Graduação:** _____

Experiência Profissional: _____

1. Quais são as estratégias que poderá e deverá ser utilizada, desenvolvidas no trabalho pedagógico, com o aluno que tem apresentado características e que supostamente está em avaliação com suspeita de dislexia?

2. Você percebe e vê algumas possibilidades de que o aluno incluso está com suspeita de dislexia, e que terá as oportunidades e capacidades de desenvolver seu potencial em relação aos demais colegas de classe?

3. Como você avalia as condições da escola no momento, para receber e desenvolver um trabalho que venha de encontro com a realidade e necessidade do aluno com suspeita de dislexia e que se encontra incluso no ensino regular e está realizando a avaliação com a equipe de multiprofissionais?

4. Quais foram às mudanças e contribuições da família junto à escola, a partir da queixa e do encaminhamento deste aluno para a equipe de multiprofissionais diagnóstica?
